

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

FERNANDO DE SOUZA NETO

**CIDADE-LIVRO**

**Uma intervenção urbano-literária virtual pelo mapa de Ouro Preto**

Mariana, 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO

FERNANDO DE SOUZA NETO

### **CIDADE-LIVRO**

**Uma intervenção urbano-literária virtual pelo mapa de Ouro Preto**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucília Borges

Mariana, 2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729c Souza Neto, Fernando de.  
Cidade-Livro [manuscrito]: uma intervenção urbano-literária virtual  
pelo mapa de Ouro Preto. / Fernando de Souza Neto. - 2022.  
66 f.: il.: color., mapa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucília Borges.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Arte - Brasil - História. 2. Espaços públicos. 3. História na literatura.  
4. Literatura brasileira. I. Borges, Maria Lucília. II. Universidade Federal de  
Ouro Preto. III. Título.

CDU 82.01

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSAUFOP-CRB6a1407



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Fernando de Souza Neto**

**Cidade-livro: uma intervenção urbano-literária virtual pelo mapa de Ouro Preto**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 11 de janeiro de 2022

Membros da banca

Dra. Maria Lucília Borges - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dr. Cláudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. Liliane Márcia Lucas Sayegh (Universidade Federal de Ouro Preto)

Maria Lucília Borges, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24/01/2022



Documento assinado eletronicamente por **Maria Lucília Borges, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 24/01/2022, às 09:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0268344** e o código CRC **48927EE8**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000535/2022-91

SEI nº 0268344

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: - www.ufop.br

## RESUMO

Este documento é o memorial descritivo do trabalho “Cidade-livro - Uma intervenção urbano-literária virtual pelo mapa de Ouro Preto”. O trabalho é uma tentativa de unir literatura e espaço urbano. As páginas do livro estariam, a princípio, coladas nas partes da cidade onde cada capítulo acontece. Por causa da pandemia, foi feita uma adaptação para um mapa. Da mesma forma, para ler a história é preciso navegar pelo mapa. Utilizamos a ideia de *flânerie*, tão cara ao jornalismo de um século atrás, e alguns conceitos da filosofia, como rizoma, *dérive* e psicogeografia. Além disso, buscamos inspiração na literatura e em movimentos artísticos, como *land art*, *environmental art*, *site-specific art* e intervenção urbana.

**Palavras-chave:** literatura; intervenção urbana; rizoma; *flânerie*; espaço urbano.

## ABSTRACT

This document is the descriptive memorial of the work “Cidade-livro - Uma intervenção urbano-literária virtual pelo mapa de Ouro Preto”. The work is an attempt to unite literature and urban space. The pages of the book would be, at first, glued to the parts of the city where each chapter takes place. Because of the pandemic, an adaptation was made to a map. In the same way, to read the story it is necessary to navigate through the map. We used the idea of *flânerie*, so dear to the journalism of a century ago, and some concepts from philosophy, such as rhizome, *dérive* and psychogeography. Besides, we looked for inspiration in literature and in artistic movements, such as land art, environmental art, site-specific art, and urban intervention.

**Keywords:** literature; urban intervention; rhizome; *flânerie*; urban space.

## SUMÁRIO

1 - Introdução .....	6
2 - Referencial teórico .....	7
2.1 - Rizoma .....	7
2.2 - Dérive e psicogeografia .....	10
3 - Referencial artístico .....	12
3.1 - Intervenção urbana .....	12
3.2 - O caminhar como forma de arte .....	16
4 - Referencial literário .....	20
4.1 - A literatura rizomática .....	20
4.2 - O flâneur na literatura .....	21
5 - O projeto .....	23
4.1 - O conceito .....	23
4.2 - O processo .....	24
5.3 - O mapa .....	24
6 - Considerações finais .....	27
7 - Referências bibliográficas.....	28
8 - História (apêndice) .....	29

## 1 - INTRODUÇÃO

Ouro Preto é uma cidade de muitas histórias, e parece, de uma certa forma, uma cidade cenográfica. Desde o início do meu curso, imaginei que nessa cidade aconteceriam muitas histórias dignas de um livro. Esse trabalho nasceu do interesse em explorar essa capacidade literária da cidade, sua imensa vocação para a poesia.

No entanto, a cidade é tão bonita que ler em casa um livro nela ambientado não é o suficiente. A imaginação não consegue recriar a beleza da paisagem. Dessa forma, ler um livro que se passa em Ouro Preto seria uma experiência muito mais interessante se a leitura acontecesse nas ruas de Ouro Preto. Uma vez que a cidade não é apenas palco, mas a musa inspiradora das histórias, seria necessário uma leitura *in loco*.

A proposta desse trabalho é uma história literária, fictícia, que se passa nas ruas da cidade. As páginas desse suposto livro estariam espalhadas por Ouro Preto, com cada capítulo colado no lugar onde cada parte da história se desenrola. Para ler a história, seria preciso acompanhar o personagem principal por suas andanças, e dessa forma ver e sentir o que ele experienciou.

Por causa da pandemia, a ideia original teve que se adaptar. Não se trata, portanto, de uma Cidade-Livro, no sentido rigoroso do termo, nem de uma intervenção urbano-literária pelas ruas de Ouro Preto. Na adaptação, o projeto se transformou em um Mapa-Livro, em uma intervenção urbano-literária pelo mapa de Ouro Preto. Houve a tentativa, no entanto, de manter o mesmo conceito: unir literatura e espaço urbano em um jogo de espelhos, em uma relação de interferência mútua.

Para o projeto, foram utilizados conceitos da filosofia e inspirações artísticas e literárias. O conceito de Rizoma, proposto por Deleuze e Guattari, foi o eixo norteador do projeto. Ouro Preto é uma cidade rizomática, que nasce da multiplicidade e nela permanece. A história, dessa forma, tenta manter a mesma lógica rizomática; o mesmo vale para a intervenção em si. Os conceitos de *Dérive* e Psicogeografia, dos filósofos situacionistas (Guy Debord, principalmente) também foram utilizados, principalmente para a composição do enredo e da estrutura da história. Nas artes plásticas, a inspiração veio da land art e outras formas de intervenção artística, através de nomes como Robert Smithson e Richard Long. Por fim, a literatura ofereceu inspiração através de obras como *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, e o *Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino.

## **2 - REFERENCIAL TEÓRICO**

Para a concepção desse trabalho, foram usados alguns conceitos que se relacionam com o espaço urbano. Para pensar a estrutura da história, nos inspiramos no conceito de Rizoma (DELEUZE & GUATTARI, 1980) e, para pensar a ambientação e sua dinâmica, utilizamos a ideia de Dérive e de Psicogeografia (CARERI, 2002).

### **2.1 - Rizoma**

Talvez a melhor forma de se definir um rizoma seja pelo que ele não é: não é raiz; não é um conjunto organizado, com princípio, meio e fim; não é um sistema com centro, a partir do qual tudo gravita. A melhor maneira de se definir um rizoma é pelo que ele não é, pois ele é muitas coisas (“o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas” [DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 22]): uma rede sem hierarquia e sem fio condutor; um turbilhão em constante mudança; um emaranhado inconcluso; um novelo embaralhado.

O conceito de rizoma vem da botânica. Um rizoma é uma espécie de raiz, mas se diferencia completamente da raiz. Enquanto a raiz possui uma estrutura bifurcante, organizada num esquema dual, o rizoma é uma raiz mais embaralhada, sem ordem, sem início nem fim perceptíveis. O rizoma de uma planta, subterraneamente, mistura-se com o rizoma de outra planta, de tal forma que é quase impossível estabelecer seus limites. O rizoma é o caos, a ausência de estrutura, e Deleuze e Guattari se utilizam dele para pensar o mundo. A raiz fundamenta a árvore. O rizoma fundamenta a filosofia de Deleuze e Guattari e sua leitura do mundo contemporâneo.

Um livro rizoma, por exemplo. Para descrever um rizoma, Deleuze e Guattari valem-se da figura do livro. Para eles, há três tipos de livros. O livro raiz é o “livro clássico, como bela inferioridade orgânica, significante e subjetiva” (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 19). Esse é o livro bifurcante, dual, dialético, onde o “um torna-se dois”: o livro reflete o mundo, com seu sujeito e seus objetos. Possui uma linha de segmentaridade, um conjunto que, não obstante ser dual, permanece fixo num único eixo. O livro raiz é o livro maciço, o livro em botão.

Há também o livro radícula. Este é mais caótico, e se compõe de multiplicidade. No entanto, a multiplicidade do livro radícula está apenas no objeto, pois o sujeito permanece uno. Há uma multiplicidade, mas ela forma uma unidade transcendente. É uma multiplicidade que, no fim, forma uma unidade; ou melhor, uma multiplicidade que começa em uma

unidade. Todas as linhas de fuga do livro radícula não fogem realmente; no fim, convergem para a segmentaridade do autor, como uma rosa semi-desabrochada. O livro radícula, portanto, é um caos que se organiza numa lógica única, ou seja, um caos organizado, ou seja, não é um caos.

Por fim, Deleuze e Guattari explicam o livro rizoma. Nele, não há unidade nem bifurcação, nem do ponto de vista do objeto, nem do ponto de vista do sujeito. Não é o uno que se torna dois; é a multiplicidade pura. Aliás, um livro rizoma não tem sujeito nem objeto, é composto apenas de agenciamentos. O livro rizoma é uma série de movimentos geológicos sem Deus que os forme (DELEUZE & GUATTARI, 1980, p. 18): vão se criando automaticamente, a partir de agenciamentos múltiplos vindos de várias direções. Não há um autor que o cria, ele se cria por si só. É uma explosão, um caos, que vai em todas as direções. Um dente-de-leão soprado ao vento.

Um livro rizoma, portanto, pode ser visto como um emaranhado, um labirinto com conexões múltiplas. Mas não só do ponto de vista do sentido, do conteúdo. Apesar do objeto livro ser uma radícula (“o livro como realidade natural é pivotante, com seu eixo e as folhas ao redor”), a escrita, o enredo, os personagens podem ser rizomáticos.

\*

A ficção passa-se no tempo e no espaço. As histórias inventadas (e as não) acontecem em determinado momento e em determinado lugar. A literatura pretende fixar essa história no papel. Mas os locais onde a história acontece, muitas vezes, também a fixam. Talvez os espaços geográficos onde as histórias acontecem possam ser vistos como páginas a serem lidas. Michel de Certeau (1980, v. 1, p. 177) disse que “o ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos”. Flanar é um discurso, uma literatura oral. O autor chega a propor algo parecido com uma gramática das ruas. Mas ninguém aqui está interessado em gramática, no logos das ruas. Antes, o interesse é pelo pathos. É por aquilo que aconteceu e ficou sem nome.

Em *As Cidades Invisíveis*, Italo Calvino faz um exercício de juntar literatura e espaço urbano de uma forma notável. Esse romance é composto por um diálogo fictício entre o navegador Marco Polo e o imperador Kublai Khan. Nele, Marco Polo descreve a Khan as cidades do império que ele conheceu em suas viagens. Essas cidades são quase sempre oníricas, irracionais. Ou assim o são as descrições do viajante. Para tanto, é feito um trabalho de linguagem incrível, onde abundam as metáforas, o entrecruzamento de sentidos, uma

sinestesia, uma lógica irracional e rizomática. A própria estrutura do livro é rizomática: são 55 cidades que podem ser lidas seguindo qualquer ordem, um verdadeiro mapa sem rota desenhada. Além disso, algumas cidades são históricas e outras futuristas: viajar pelas cidades invisíveis é costurar passado e futuro.

Calvino disse, a propósito deste seu romance, em uma entrevista: “Se meu livro *As cidades invisíveis* continua sendo para mim aquele em que penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjecturas”. Calvino conseguiu, na descrição de cidades imaginárias, descrever o mundo como ele o via.

Disse acima que talvez os espaços geográficos onde as histórias acontecem possam ser vistos como páginas a serem lidas. Calvino diz algo parecido em *As Cidades Invisíveis*, mas de uma forma muito mais poética, quando Marco Polo descreve a cidade de Zaíra:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (...). A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1972, p. 7)

O passado está transcrito no espaço, o espaço presente contém todo o passado. O presente é presente mas é também todo o passado. O tempo, nas cidades, não passa: ele se acumula em suas construções, em suas ruas, em seus monumentos. Inunda as cidades como uma enchente, como um assoreamento centenário, gota a gota, grão a grão.

Se o passado está inscrito na cidade, as histórias e a literatura também deveriam estar. A cidade, assim, pode ser vista como um grande livro, ou múltiplos livros, sobre os mais variados assuntos. Basta saber ler, extrair da paisagem o que ela oculta, ou melhor, o que ela revela de formas menos evidentes.

\*

Ouro Preto é um rizoma. Se Deleuze e Guattari (1980) descrevem Amsterdam como uma cidade rizomática, é porque eles não conheceram Ouro Preto. O traçado da antiga Vila Rica é multiplicidade pura, um embaralhamento, um caos sem nenhuma ordem. Sua

temporalidade também é rizomática, pois em seu perímetro o passado é mais presente que o presente, e não raro ambos se misturam, caoticamente se mesclam, se transpassam.

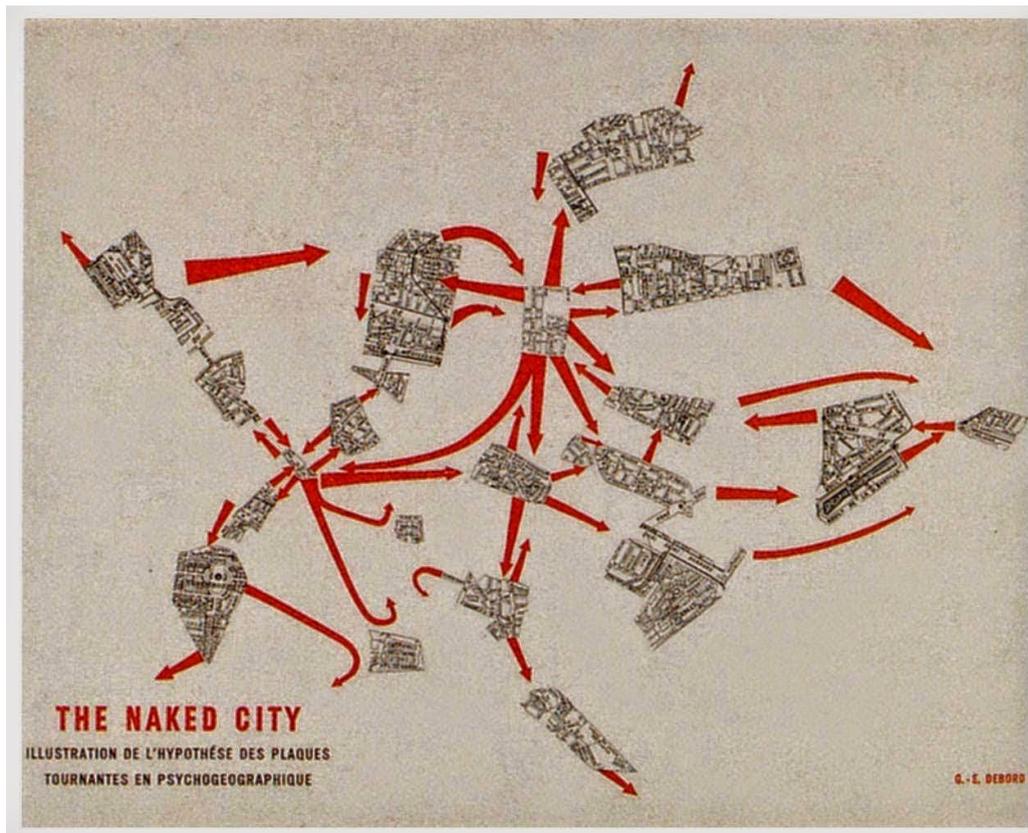
E, sobretudo, é uma cidade com muito passado. Há dezenas de livros escritos em cada rua. E, no muito que aconteceu, um pouquinho de ficção, do que não aconteceu mas que poderia ter acontecido (ou poderá acontecer), pouco vem a acrescentar.

Uma história de ficção que se passa em Ouro Preto. Que toma seu traçado como base constituinte de seu enredo. Que usa sua paisagem como matéria de metáforas que se embaralham. Esse seria um livro rizoma, ouropretano. E se as páginas do livro fossem arrancadas de seu eixo pivotante, radicular, e se espalhassem pela cidade, palco de seu conteúdo? E se, sobre o livro abstrato que cada rua contém, surgissem as páginas concretas de um livro, que a rua não contém realmente, mas poderia conter? A essa espécie de intervenção urbano-literária poderia dar-se o nome de cidade-livro.

## 2.2 - Dérive e psicogeografia

O grupo de filósofos e artistas que formavam a Situacional Letrista se inspirou nas ideias dos surrealistas sobre o inconsciente da cidade. Esses filósofos, principalmente Guy Debord, criaram conceitos como a *dérive* e a psicogeografia. Para ele, havia uma relação profunda entre o espaço urbano e a mente, ou seja, as paisagens da cidade poderiam criar efeitos mentais. Ele distinguia, na cidade, zonas distintas, regiões psicogeográficas, que podiam ser percorridas a partir da *dérive*. A *dérive* é a perambulação sem sentido, uma espécie de flânerie ou de deambulação surrealista, mas não totalmente isenta de racionalidade.

Dentre os mapas psicogeográficos que Debord propôs, um deles é o *Naked City: Illustration de l'hypothèse des plaques tournantes en psychogeographique*:



O mapa representa as áreas psicogeográficas de Paris, interligadas por setas que representam as *dérives*. “A cidade é uma paisagem psíquica construída por meio de buracos, partes inteiras são esquecidas ou intencionalmente suprimidas para se construírem infinitas cidades possíveis no vazio” (CARERI, 2002, p. 92 e 97). Assim, Paris se transforma, nos mapas de Debord, em “uma série de cidades-ilhas imersas num mar vazio sulcado pela errância” (CARERI, 2002, p. 97).

Para esses filósofos, havia uma diferença entre a *cidade burguesa* e a *cidade lúdica*. As duas cidades diferentes são duas concepções diferentes de relação com a cidade. Na cidade burguesa, os deslocamentos seriam feitos para o trabalho, seguindo rotas e horários específicos, com um fim igualmente específico. Por outro lado, na cidade lúdica, os deslocamentos não seriam feitos com um fim específico. Essa é a *dérive*: deslocamentos inúteis, sem hora, dia e fim específicos. Não o trabalho, mas o jogo. Assim, a deambulação se transforma em um ato ao mesmo tempo estético e político.

Devia-se ‘passar do conceito de circulação como suplemento do trabalho e como distribuição nas diversas zonas funcionais da cidade à circulação como prazer e como aventura’, era preciso experimentar a cidade como um território lúdico a ser utilizado para a circulação dos homens através de uma vida autêntica. Era preciso construir aventuras (CARERI, 2002, p. 100-101).

### 3 - REFERENCIAL ARTÍSTICO

Na segunda metade do século XX, a arte traça uma importante linha de fuga: sai dos museus e galerias e começa a flunar por espaços inusitados. Assim, a arte foi e tem sido vista perambulando em ambientes urbanos, com os nomes de grafiti, intervenção urbana ou *site-specific art*, e também em ambientes naturais, com os nomes de *environmental art*, *land art* ou *earth art*. Desses estilos acima citados, a maioria tem como importante característica a fugacidade, o fato de estar lá agora e não estar depois. Nesse sentido, esse tipo de arte se aproxima das performances, em que a obra de arte só existe enquanto o artista a faz. Em quase todos esses casos, as obras permanecem apenas na memória e nos registros fotográficos.

Muitos desses artistas, que escolheram os espaços urbanos e naturais como plataforma da arte, trabalharam na confluência de estilos diversos, principalmente mesclando pintura ou escultura com arquitetura ou ecologia.

#### 3.1 - A intervenção urbana

Anish Kapoor é um desses artistas que trabalham na confluência entre escultura e arquitetura. Nos anos 2000, Kapoor começou a desenvolver projetos em escalas gigantescas, alguns dos quais elaborados para locais específicos, o que se convencionou chamar de *site-specific art*. Uma dessas obras é a *Cloud Gate*, projetada para o Millennium Park, em Chicago. A *Cloud Gate*, popularmente conhecida como *The Bean*, é uma escultura que segue as formas arredondadas, orgânicas, tão características na obra de Kapoor. Sua superfície é totalmente espelhada, refletindo a paisagem circundante. Mas, como o espelho é curvo, o reflexo distorce a paisagem.



Anish Kapoor - Cloud Gate

Kapoor trabalha muito com espelhos. Algumas de suas obras, intituladas *Sky Mirror*, são compostas de uma chapa com superfícies refletoras dos dois lados. De um lado, reflete o chão, e do outro, reflete o céu. Alguns desses espelhos são côncavos ou convexos, o que faz com que, como a *Cloud Gate*, além de refletir, distorce a paisagem.

Outro artista *site-specific* é o também escultor Richard Serra. Uma obra de sua autoria exemplar é a *La Materia del Tiempo*, exposta no Museu Guggenheim de Bilbao, na Espanha. Foi projetada para a maior sala desse museu, e essa sala foi projetada pelo arquiteto Frank Gehry para essa obra específica. A arte moldou a arquitetura e a arquitetura moldou a arte. *La Materia del Tiempo* é uma obra de grandes dimensões, composta por chapas de ferro arredondadas, dispostas de forma a criar percursos. Além de poder ser apreciada de um mezanino, a obra convida o observador a caminhar por ela. O nome da obra, *Matéria do Tempo*, fornece sua chave interpretativa: uma concepção do tempo não abstrato, mas sim material, concreto, espacial.

En la instalación también hay una progresión del tiempo. Por un lado, el tiempo cronológico que se tarda en recorrerla y observarla de inicio a fin; por otro, el tiempo de la experiencia en el que los fragmentos del recuerdo visual y físico permanecen, se combinan y se reexperimentan. (GUGGENHEIM, 2021)

Pode-se percorrer a obra do início ao fim, do fim ao início (tomando início e fim como pontos aleatórios), parar no meio, mudar a velocidade do trajeto. A escultura não tem entradas nem saídas estabelecidas, nem centro, nem caminhos definidos. Além disso, a obra cria, na memória, partes isoladas que podem se recombinar em diferentes momentos, como num rizoma.



Richard Serra - La Materia del Tiempo

Christo e Jeanne-Claude, um casal de artistas, foram um dos principais nomes da *land art* e intervenção urbana. A principal característica desses artistas, principalmente em suas obras mais famosas, é o empacotamento de monumentos urbanos, como pontes, palácios e museus. A concepção desse empacotamento pode ser entendida a partir do título de um dos capítulos de um livro do crítico e historiador de arte Jacob Baal-Teshuva, dedicado ao casal de artistas: “revelation through concealment”. Usando milhares de metros de tecido, Christo e Jeanne Claude transformavam a paisagem, trazendo uma nova vida a monumentos tão conhecidos que já poderiam passar despercebidos.

Jacob Baal-Teshuva cita também uma outra característica na obra desses artistas: “Painting and the elements of paintings. A good example is the project Surrounded Islands (...). Flying over it with a helicopter, I was reminded of the water-lily canvases by Claude Monet: Biscayne Bay functioned as the Christos’ canvas” (BAAL-TESHUVA, 2001, p. 7).



Christo e Jeanne-Claude - Surrounded Islands

Na cidade-livro, por outro lado, rizomática e ouropretana, a intervenção, vista do alto, remeteria a uma tela de Pollock.

Em 1970, Robert Smithson, um dos artistas mais famosos da *land art*, criou sua obra mais famosa: a *Spiral Jetty*. Essa enorme obra é composta por uma grande espiral, feita com mais de seis toneladas de terra e pedra, às margens do Great Salt Lake, no estado de Utah. O fato dela apresentar um sentido anti-horário pode significar uma tentativa de influenciar o tempo, de introduzir o tema do tempo no sentido da obra. Bruno Latour escreve, em *Jamais fomos modernos*:

Suponhamos, por exemplo, que nós reagrupemos os elementos contemporâneos ao longo de uma espiral e não mais de uma linha. Certamente temos um futuro e um passado, mas o futuro se parece com um círculo em expansão em todas as direções, e o passado não se encontra ultrapassado, mas retomado, repetido, envolvido, protegido, re combinado, reinterpretado e refeito. (LATOURE, 1994, p. 74)

Essa ideia de tempo parece muito adequada à obra de Smithson. Não por acaso essa é uma obra construída com materiais duráveis, como a terra e as rochas de basalto. As obras de *land*

art geralmente são fugazes, mas a *Spiral Jetty* continua ainda hoje no lago salgado de Utah. O fato da obra ter sido construída com materiais próprios da paisagem onde o lago se insere nos indica que, provavelmente, a intenção de Smithson era criar uma obra vasta como o deserto, e atemporal como as montanhas de pedra do Utah.



Robert Smithson - Spiral Jetty

### 3.2 - O caminhar como forma de arte

O caminhar na arte possui uma série de exemplos possíveis. Em 1921, os dadaístas marcaram de se encontrar na igreja de *Saint-Julien-le-Pauvre*, uma igreja quase abandonada e sem grande interesse turístico. Essa visitação foi o início de uma série de visitas (planejadas, mas não cumpridas) a lugares banais da cidade, elevadas à categoria de arte. Eram os *ready-made* urbanos (CARERI, 2002, p. 71): o próprio caminhar como obra de arte. “Com as visitas do dadá e com as subsequentes deambulações dos surrealistas, a ação de percorrer o espaço será utilizada como forma estética capaz de substituir a representação e, por isso, de atacar frontalmente o sistema da arte” (Ibidem, p. 71 e 74). Os artistas dadá e, posteriormente, os surrealistas, não colocavam na cidade uma escultura, nem algum objeto que pudesse ser uma obra de arte; não faziam pinturas ou desenhos representando o espaço urbano; a obra de

arte era o simples trajeto pela cidade. Dessa forma, “o dadá elevou a tradição da flânerie a operação estética” (Ibidem, p. 74). Foi o início do que se pode chamar de “o caminhar como forma de intervenção urbana”, nas palavras de Francesco Careri (2002).



Grupo dos dadaístas, na ocasião de sua visita à Igreja Saint-Julien-le-Pauvre

Uma obra também interessante, nesse sentido, é *A line made by walking*, de Richard Long. Em 1967, Long caminhava por um campo, quando percebeu que seu trajeto formava uma linha sobre a relva. O próprio caminhar se transformou em prática artística, e o trajeto em obra de arte. Long fotografou sua obra, antes que o vento e o tempo apagassem suas pegadas sobre a grama. Esteticamente, a foto de *A line made by walking* conduz o olhar para o horizonte, onde o trajeto se perde entre as árvores. Mas a impressão é de que a linha continua fora do alcance da visão, como uma linha de fuga, que foge do olhar, do campo do visível da fotografia.



Richard Long - A Line Made By Walking

Algumas obras de Long são compostas de pedras que ele coloca no caminho que percorre. A obra, dessa forma, é o seu próprio trajeto demarcado. Essas obras remetem, de uma certa forma, ao menir, “o primeiro objeto situado da paisagem humana” (CARERI, 2013, p. 51). Os menires são, simplesmente, pedras erguidas pelo homem do período neolítico.

O seu erguimento representa a primeira ação humana de transformação física da paisagem: uma grande pedra estirada horizontalmente sobre o solo é ainda apenas uma simples pedra sem conotações simbólicas, mas sua rotação em noventa graus e o seu fincamento na terra transformam-na em uma nova presença que detém o tempo e o espaço: institui um ponto zero que se prolonga na eternidade e um novo sistema de relações com os elementos da paisagem circundante. (CARERI, 2013, p. 52)

Os menires são, portanto, a primeira transformação proposital que o homem efetuou na paisagem, o primeiro exemplo de arte, de *land art*. Ao fazer a marcação de seu trajeto, Richard Long está se conectando com os primeiros exemplos de obras de arte, criadas no neolítico, na época em que os humanos ainda eram nômades e não sedentários.

Para dar um exemplo brasileiro, uma obra que tem como tema o deslocamento é *Notícias de América*, do mineiro Paulo Nazareth. Nessa obra, o artista percorreu 15 países da América Latina, a pé e de carona, em direção aos Estados Unidos. No caminho, ele fez performances, fotografias, vídeos e intervenções, documentando especialmente a diversidade cultural e étnica do continente. Um de seus propósitos era não lavar os pés, para levar a poeira de um país ao outro.

## 4 - REFERENCIAL LITERÁRIO

### 4.1 - A literatura rizomática

Como dito lá em cima, *As cidades invisíveis* é um livro rizomático. Por muitos motivos. Apesar de se tratar de um romance, o livro é dividido em 55 pequenos capítulos, cada um descrevendo as cidades visitadas por Marco Polo, além das partes de diálogo entre o navegante e o imperador Kublai Khan. Ou seja, é um romance que pode ser lido fora da ordem em que os capítulos aparecem. Além disso, como também já citado, algumas cidades estão no futuro e outras no passado, o que faz com que Marco Polo seja não só um viajante no espaço, mas também no tempo.

Se a estrutura do romance já é rizomática, algumas cidades o são ainda mais. Por exemplo, a cidade de Zora: “Entre cada noção e cada ponto do itinerário pode-se estabelecer uma relação de afinidades ou de contrastes que sirva de evocação à memória” (CALVINO, 1972, p. 9 e 10). Isso lembra os dois primeiros princípios do rizoma, de conexão e heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 22). Esmeraldina é um perfeito rizoma:

Em Esmeraldina, cidade aquática, uma rede de canais e uma rede de ruas sobrepõe-se e entrecruza-se. Para ir de um lugar a outro, pode-se sempre escolher pelo percurso terrestre e o de barco: e, como em Esmeraldina a linha mais curta entre dois pontos não é uma reta mas um ziguezague que se ramifica em tortuosas variantes, os caminhos que se abrem para o transeunte não são dois mas muitos, e aumenta ainda mais para quem alterna trajetos de barco e transbordos em terra firme. (CALVINO, 1972, p. 37)

Mas não só a estrutura do romance e algumas cidades; também a própria concepção de viagem de Marco Polo é rizomática. Sobre o passado, o personagem do viajante veneziano pensa assim:

(...) o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. Marco entra numa cidade; vê alguém numa praça que vive uma vida ou um instante que poderiam ser seus; ele podia estar no lugar daquele homem se tivesse parado no tempo tanto tempo atrás, ou então se tanto tempo atrás numa encruzilhada tivesse tomado uma estrada em vez de outra (...). Os futuros não realizados são apenas ramos do passado: ramos secos.” (Ibidem, p. 14-15).

Na literatura brasileira há um livro bem semelhante ao *Cidades Invisíveis*: se chama *Cidades Inventadas*, e foi escrito por Ferreira Gullar. Esse livro é composto pela descrição de

23 cidades inventadas, mas, diferentemente do livro de Calvino, não se trata de um romance, e sim de uma coletânea de contos. Não há uma moldura interligando os capítulos, como o diálogo entre Marco Polo e Kublai Khan no livro de Calvino. Por ser um livro de contos, *Cidades Inventadas* pode ser lido sem qualquer ordem e, também aqui, algumas cidades são bastante futuristas, enquanto outras são históricas. Apesar de serem muito semelhantes em sua estrutura e sua temática, Ferreira Gullar não copiou o livro de Calvino, e provavelmente nem nele se inspirou. Como está escrito no prefácio, Ferreira Gullar inventou sua primeira cidade em 1955, portanto 17 anos antes da publicação do *Cidades Invisíveis*.

O livro *O Jogo da Amarelinha*, de Julio Cortázar, é outro exemplo de literatura rizomática. Apesar de ser um romance, ele apresenta algumas opções de leitura. É possível lê-lo na sequência em que as páginas se sucedem; mas ao longo do livro há indicações de outras sequências possíveis, pulando de capítulo em capítulo fora da ordem em que eles aparecem.

Um conceito interessante, e também rizomático, é o *romance desmontável*. Esse tipo de romance tem como grande referência a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. O romance desmontável consiste em uma obra única, que apresenta uma segmentaridade, mas cujos capítulos podem ser lidos como um todo. Assim, a obra, além de poder ser lida como um romance, pode ser lida também como uma coletânea de contos.

#### **4.2 - O flâneur na literatura**

Minha ideia da cidade-livro nasceu a partir do livro *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino. O livro conta a história de Geraldo Viramundo, um anti-herói quixotesco que percorre diversas cidades de Minas, em meio a aventuras e trapalhadas. Geraldo passa, dentre outras cidades, por Mariana, Ouro Preto, Barbacena e Tiradentes. Como eu conheço a maior parte das cidades percorridas por Geraldo, pensei em, um dia, ler o livro acompanhando o personagem em suas andanças. Ou seja, ler em Mariana o capítulo em que ele está em Mariana; ler em Ouro Preto o capítulo em que ele está em Ouro Preto. Mais precisamente ainda: ler no ICHS a parte que se passa no antigo seminário; ler na Casa da Ópera a cena da apresentação que Geraldo destruiu...

Talvez Geraldo Viramundo não possa ser classificado como flâneur pois suas andanças nem sempre são urbanas, ou pelo menos não se restringem a uma única cidade. Suas andanças são interurbanas. Por isso, talvez seja melhor defini-lo como nômade. Geraldo Viramundo, pois, é o arquétipo do nômade, seu exemplo perfeito. Não se demora muito

tempo em um lugar, mas o suficiente para deixar sua marca, e deixar a cidade deixar em si sua marca. Geraldo pode ser visto também como o arquétipo do mineiro: talvez haja algo nômade, de flâneur, nos habitantes de Minas Gerais; basta lembrar do famoso “ali de mineiro”.

Outro livro que trabalha a flânerie é *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio. Essa obra é uma das mais representativas da flânerie na literatura brasileira. Por meio de crônicas, João do Rio narra o cotidiano das ruas do Rio de Janeiro, com uma riqueza de detalhes e uma sensibilidade que só mesmo um flâneur poderia conseguir.

Por fim, dentre os inúmeros livros sobre flânerie, um muito importante é *Istambul*, do escritor turco Orhan Pamuk. O livro seria, a princípio, uma autobiografia do autor. Mas a sua história pessoal está tão ligada à história da cidade, que o livro acabou se transformando numa espécie de biografia de Istambul. Descrevendo os lugares por onde ele viveu com muita beleza, Pamuk conseguiu transformar a cidade em personagem principal, e suas andanças em enredo.

## 5 - PROJETO

### 5.1 - O conceito

A ideia do trabalho é um romance que se passa em Ouro Preto. O enredo da história gira em torno X, um flâneur que vive vagando pelas ruas de Ouro Preto à noite. Cada trecho da história seria colocado onde aquela cena da história ocorreu. Para lê-la, portanto, seria necessário refazer o trajeto do personagem principal.

A princípio, a ideia era espalhar cartazes pelas partes onde a história acontece. Para marcar os trajetos, poderiam haver objetos simbólicos, como pedras, simbolizando os menires (CARERI, 2013). Em cada ponto, em cada cartaz, haveria um mapa, indicando ao caminhante/leitor qual a próxima parada.

Apesar da história possuir uma certa ordem cronológica, uma certa linearidade temporal, a leitura embaralhada não a afetaria. A história trabalha muito com o tema do tempo e da memória. Se os acontecimentos no presente possuem uma ordem temporal, a memória não. Escrever a história poderia, assim, ser o presente, o ato enquanto ele acontece; a experiência da leitura, por sua vez, poderia se associar com a lembrança, que não obedece nenhuma ordem temporal. É possível lembrar de uma coisa antiga e, na sequência, lembrar de algo mais recente. Portanto, o ato de leitura/reminiscência poderia ser embaralhado, sem obedecer à ordem estabelecida do texto. Dessa forma, a leitura da obra seria como o caminhar na escultura *La Materia del Tiempo*, de Richard Serra, em que diversos trajetos são possíveis dentro de uma trama ondulada, levemente labiríntica e sem ordem.

Uma intervenção urbana possibilita novos olhares para a cidade. Se o espaço interfere na obra, ou seja, se a cidade interviu na escrita do texto, fornecendo-lhe inspiração, o livro também pode interferir na cidade. Da mesma forma que nas obras *site-specific* (como a *Cloud Gate*, de Anish Kapoor) há uma relação dialética entre obra e espaço. A história projeta na paisagem acontecimentos que poderiam ter sido, ainda que sejam fictícios. Desperta uma nova noção do espaço urbano, uma nova visão, pessoal, subjetiva. A história poderia, de uma certa forma, lançar não luz, mas mistério sobre a arquitetura: tirar um pouco de sua objetividade e cobri-la, empacotá-la (como Christo e Jeanne Claude) com tecidos de imaginação.

## 5.2 - O processo

A escrita da história foi bastante rizomática. Escrevi grande parte dela em tiras de papel. Quando me ocorria uma ideia, algum fragmento de enredo, eu anotava, sem me preocupar com linearidade. Depois, tive um trabalho de montar um quebra-cabeça, escolhendo uma ordem que me parecesse harmônica para as tiras de papel com os fragmentos.

Para me auxiliar na escrita, entender um pouco os personagens, fiz um trabalho de despersonalização. Quase diariamente escrevia os diários dos dois personagens principais, X e Y. Nesses diários, anotava os fatos de suas vidas e os pensamentos que lhes ocorriam, sem que existissem de fato. Em alguns momentos, tentei personificá-los em mim: saía um dia como X, outro dia como Y, tentando encarnar suas personalidades. Esse segundo exercício foi mais desafiador, e não o pude exercer com plenitude. Os dois exercícios, de uma certa forma, não foram muito úteis no trabalho final: o caráter fragmentário que a história tomou impediu um desenvolvimento psicológico dos personagens. No entanto, ambos os exercícios serviram de inspiração, para ver a cidade de outra forma, entendê-la sobre outros aspectos.

## 5.3 - O mapa

Por causa da pandemia, no entanto, a ideia original teve que se modificar. Para a apresentação na banca de TCC, resolvi adaptar a intervenção urbana para uma “intervenção urbana virtual”. Pesquisei algumas alternativas de mapas, mas os que encontrei ou eram pagos ou demandavam conhecimentos muito específicos. Por isso, utilizei a plataforma de criação de mapas customizados My Maps, do Google Maps. Apesar de recursos simples, a plataforma me possibilitou marcar os pontos, os trajetos e inserir os textos.

A intervenção é composta de “pontos” e “trajetos”, como as áreas psicogeográficas e as *dérives* de Guy Debord. Os pontos são as áreas psicogeográficas. São as partes do enredo em si, quando o personagem para em determinado local. Essas são as partes principais. Na intervenção urbana, colocaria cartazes maiores nos lugares específicos. No mapa, estão representados pelo ícone do livro aberto.

Os trajetos são compostos principalmente por descrições da cidade e do personagem, mas também por partes do enredo em que o personagem (ou os personagens) estão em movimento. Os trajetos podem ser vistos como as *dérives*, que ligam as áreas psicogeográficas (os pontos). Essas partes estão representadas no mapa por linhas, referentes

ao trajeto em que aqueles pensamentos/fatos aconteceram. Para ler esses textos, é preciso clicar em cima das linhas. A ideia original é que os textos dos trajetos fossem vários, espalhados ao longo da trajetória. Ou seja, em cada trajeto (em cada linha) haveria mais de um pequeno cartaz, com fragmentos do texto. No mapa, ao clicar nas linhas dos trajetos, há parágrafos separados por um asterisco. Gostaria que imaginassem que cada parágrafo assim separado fosse um pequeno cartaz colado em partes separadas do trajeto. Esses vários pequenos cartazes serviriam como ambientação para a história, mas também como forma de sinalizar o caminho correto, como fariam os menires, caso a intervenção fosse presencial.

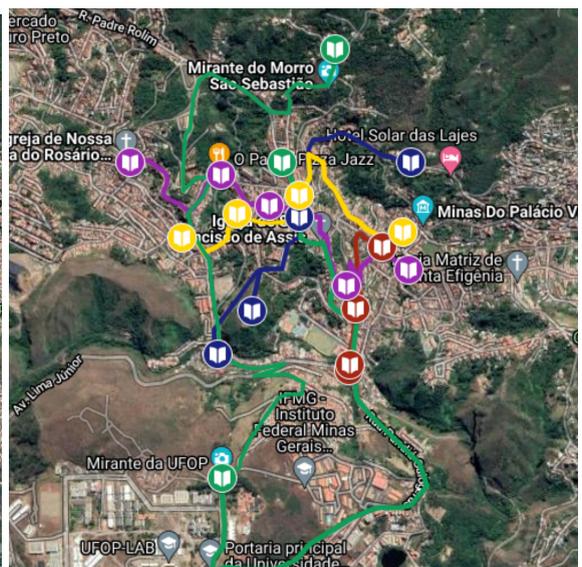
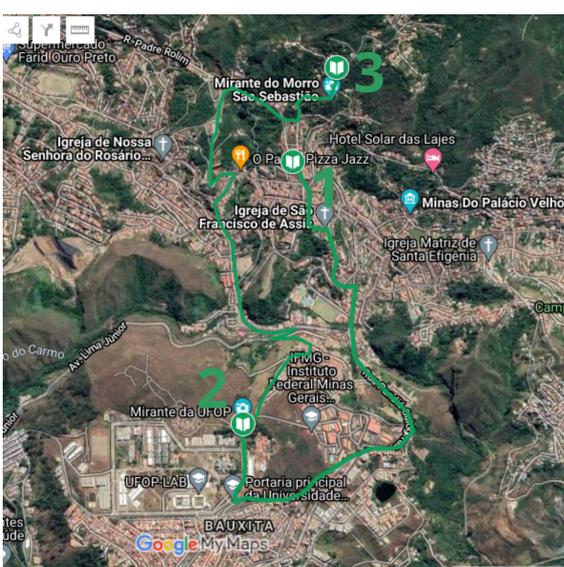
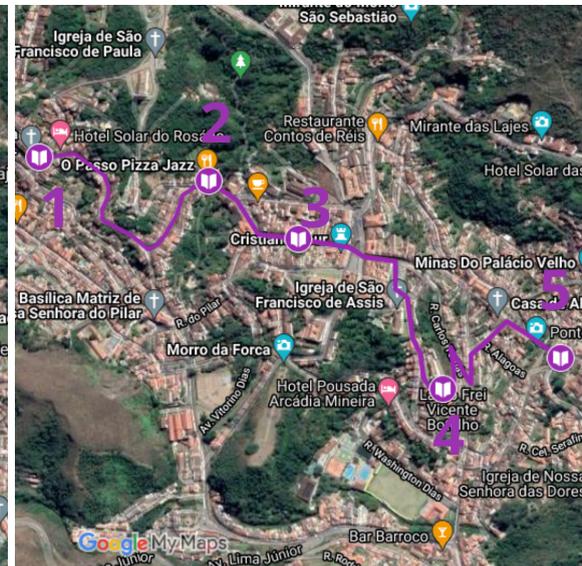
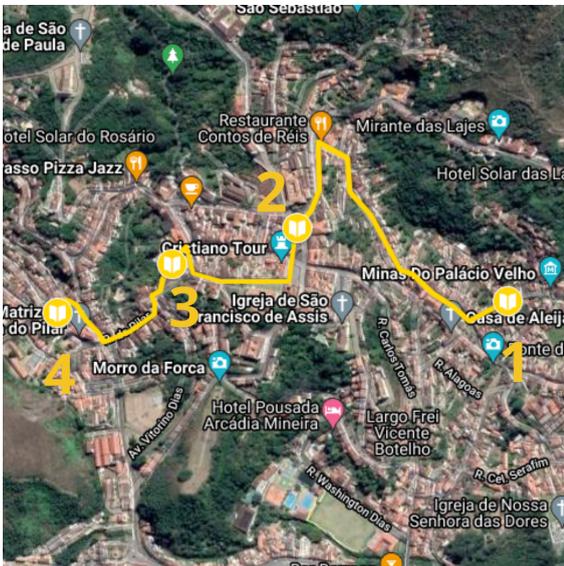
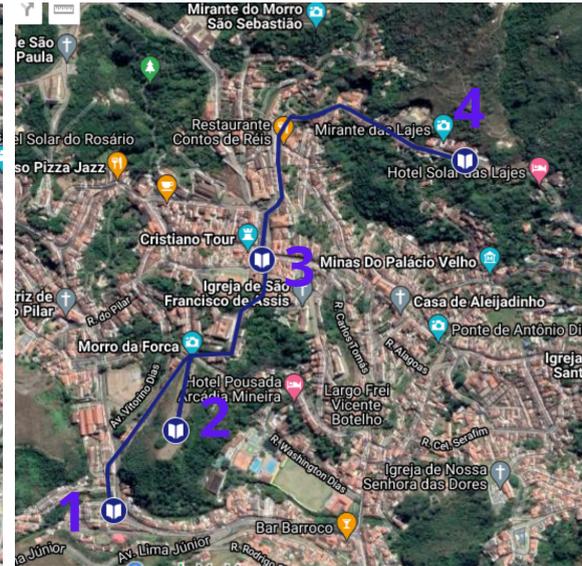
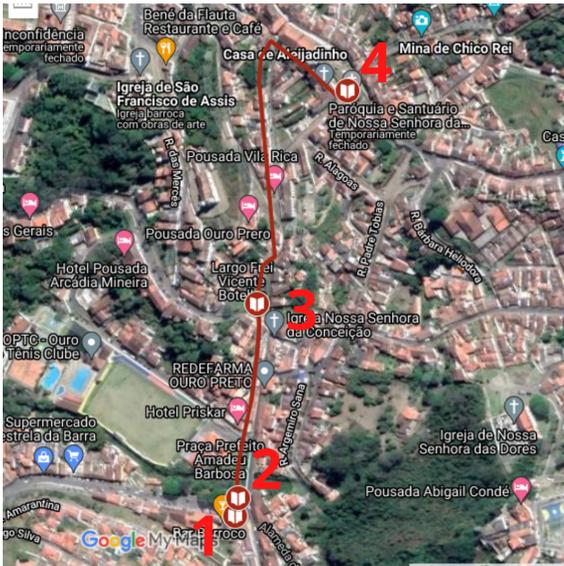
A história se passa em cinco noites diferentes. Para facilitar a compreensão, cada noite no mapa está marcada com uma cor distinta. A primeira noite está na cor vermelha, e é composta por quatro pontos e três trajetos (apenas dois dos trajetos têm texto). A noite dois está na cor azul, e é composta por quatro pontos e três trajetos. A noite três está na cor amarela, e também possui quatro pontos e três trajetos. A quarta noite está na cor lilás, e conta com cinco pontos e quatro trajetos. Por fim, a noite cinco possui três pontos e dois trajetos, e está na cor verde.

O Google Maps oferece o recurso de separar as camadas. Dessa forma, para facilitar a leitura, é possível selecionar, no canto esquerdo da tela, noite por noite. Ao selecionar as camadas, aparecem especificados os pontos e seus números, úteis para uma leitura linear.

Dessa forma, é possível navegar pelo mapa de duas formas possíveis: de forma linear, seguindo a sequência determinada dos pontos e dos trajetos, ou de forma embaralhada, pulando de um ponto ao outro, de uma noite para outra, sem ordem pré-definida. A primeira maneira de ler seria seguindo o fio lógico do presente, enquanto a segunda seria, como pensava o personagem X, navegar pelos hiperlinks do passado.

Mapa:

<https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1yEAjoDOO7waX7XeyG4H4aaBXcQi68gM3&usp=sharing>



## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pode-se apreender a partir dos filósofos situacionistas, o flâneur pode ser compreendido como um ator político de grande importância para a cidade moderna. A cidade não é o local de trabalho, apenas, ou não deveria sê-lo; a cidade pode ser vista, ou deveria sê-lo, como um grande parque de diversões. A cidade não é a morada do trabalho, e sim da arte. Acredito que a Cidade-Livro, com suas deambulações inúteis em busca da literatura (da arte) seja, também, uma ideia política. Andar para ler a história (ou navegar no mapa, imaginando os locais reais) é uma atividade estética e política. O caminhar coloca toda a cidade em movimento.

A pandemia impôs uma mudança ao projeto inicial. Nem por isso, no entanto, a ideia original foi descartada. Pretendo, quando possível, realizar a intervenção urbano-literária pelas ruas da cidade.

Pensei, a princípio, em escrever um romance. As poucas páginas da história, sua simplicidade de enredo, seus poucos personagens impossibilitam-me de chamá-la “romance”. Pretendo também, quando possível, desenvolver mais a história, acrescentar personagens e detalhes, de tal forma que se transforme mesmo em um romance. A ideia da história possui potencial, tanto a que está contida na parte escrita, quanto os muitos detalhes que não entraram na presente versão, para não ficar muito extensa. Ou não. Talvez, quem sabe, eu vire uma esquina de ano e tudo mude, como pensaria X.

## 7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAAL-TESHUVA, Jacob. *Christo and Jeanne-Claude*. Koln: Taschen, 2001.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1ª edição. São Paulo: Editorial Gustavo Gilli, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1: Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORTÁZAR, Julio. *O Jogo da Amarelinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2ª edição. Rio de Janeiro: ed. 34, 2011.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1994.

PAMUK, Orhan. *Istambul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Record: Rio de Janeiro, 2003.

RIO, João de. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SABINO, Fernando. *O Grande Mentecapto*. Record: Rio de Janeiro, 1979.

### Sites consultados:

<https://www.guggenheim-bilbao.eus/la-coleccion/obras/la-materia-del-tiempo>

## **8 - HISTÓRIA (APÊNDICE)**

### **Noite 1**

#### **Ponto 1 - Bar Barroco**

Olhos atentos, que divagam. Atentos, sobrancelhas cerradas, mas que não se fixam em nada. Realizam uma varredura, uma sondagem. As paredes sujas, os cartazes nas paredes sujas do bar. Uma televisão ligada, passando um programa sobre esportes, no qual ninguém presta atenção. A aparência decrépita, uma decadência controlada, proposital. As mesas e cadeiras de plástico com poucos frequentadores. Ainda não era a hora. Ouvidos atentos, perscrutando. O barulho das poucas conversas, o ruído de garrafas se abrindo, o tilintar dos copos. Na televisão, um homem diz: “quanta intensidade você é capaz de suportar?”. Na mesa ao lado, alguém grita: “mais uma!”. Boca seca, bebe mais um copo de vinho. O nariz inspira o cheiro do álcool, o ar viciado de fumaça de cigarro. A pele arrepia mesmo sendo uma noite quente.

Dos poucos frequentadores do bar, X era o mais assíduo. Conhecia como ninguém a aparência, o barulho, os cheiros daquele lugar. Mas nunca ficava até tarde. Ali era o início de sua noite. Sua noite, mesmo, era na rua, sob o sereno e a luz da lua e dos lampiões da cidade velha. Tomou mais um gole do vinho; a noite descia lá fora. Levantou-se carregando a garrafa meio cheia e vazia pela metade, foi até o balcão, pagou e se dirigiu para a porta.

Saiu do bar com a certeza de que não há nada novo debaixo do sol, mas debaixo da lua tudo é novidade.

#### **Ponto 2 - Do outro lado da rua do bar**

Do lado de fora, X para, contemplando duas torres de igreja, no alto, entre galhos de árvores. Uma luz residual de dia, um resquício de crepúsculo, um tom mortiço no céu dá à paisagem um ar fantasmagórico. Era aquela hora sem classificações, metade noite, três quartos dia e o restante de uma hora fora de hora. Era aquele momento em que o ponteiro trava entre dois números, indeciso, hesitando. Aquela hora fora do tempo, em que o relógio não aflige pois não lhe diz respeito. Esperou, paciente. Não poderia andar no momento próprio da imobilidade, em que tudo parece estar em suspenso. Esperou, esperou até a noite cair por completo, o relógio destravar e o mundo voltar à sua submissão ao tempo. Soprou a

primeira brisa noturna e se perguntou o que aquela noite lhe reservava em seu bojo de névoa. “Quanta intensidade você é capaz de suportar?”, se perguntou. E se perguntou também quanta a noite era capaz de lhe oferecer.

Começa a andar, erra o caminho, vai na direção oposta. De repente, percebe seu erro, para. Para abruptamente. A mão com a garrafa de vinho sobe até a boca, bebe longos goles, seca a boca com a outra mão. De repente, vira-se para cá e vem, passos leves, nevoentos, mas ainda assim certos, decididos. Sabe que agora está no caminho certo. Sigamo-lo.

## **Trajeto 2**

*A rua longa e raramente linear. Janelas ainda acesas, como um último sinal de vida de uma cidade moribunda. A paisagem fúnebre, um filme noir, cenário de um thriller. Essa é uma história em preto e branco.*

\*

*Caminhar era a sua forma própria de lembrar. Pois naquela cidade velha, onde X nascera e passara toda a sua vida, suas memórias estavam impressas, expostas como em um museu e conservadas por sua atmosfera de formol. Cada uma daquelas ruas em torvelinho lhe lembrava um acontecimento, cada janela um suspiro, cada candeeiro uma súbita centelha de felicidade. Ali o tempo não ia embora nunca, nunca. O tempo que passava se perdia no labirinto de ruas, ficava com preguiça de subir uma ou outra ladeira, permanecia girando em círculos ou enlouquecia naquele clima de sonho. Os séculos caíam como poalha sobre a cidade velha, grande ampulheta que nunca desvirava, e sedimentava-se em camadas arqueológicas sobre o vale imemorial. O depósito de tempo do mundo. Os paralelepípedos da rua? Séculos fossilizados. As pedras das calçadas? Horas enrijecidas. Os desconjuntados telhados das casas? Anos solidificados. O bolor, as teias de aranha, os rebocos caindo, as vidraças quebradas.*

\*

*Em seu caminhar de traça incerta, X ia cavando um túnel na rocha dura, metamórfica, de três séculos compactados. Preferia a noite ao dia: de dia, os carros, o ruído moderno, a vida presente da cidade como que a negava. À noite, era o passado puro. O único sopro de vida era ele, riscando a linha fina do presente sobre a pele áspera da cidade,*

*desenhando com sua andança a pintura rupestre da mobilidade, eterno gerúndio ecoando na superfície silenciosa.*

\*

*Naquela cidade de labirintos, nem mesmo o tempo era linear. X andava, incansável, com seu passo de peregrino, sem motivo e sem rumo. Apenas para se perder. Subia séculos, ofegante, descia décadas, vertiginoso, virava horas, parava eras, e não era raro se surpreender sem saber onde estava - e quando. Quando isso acontecia, ria às gargalhadas, de sair lágrimas dos olhos, e sentia a certeza de um destino realizado.*

### **Ponto 3 - Largo Frei Vicente Botelho**

X chegou a uma praça, aberta entre três linhas de casas, com suas janelas agora cegas, suas portas agora trancadas. Naquela noite, aquela praça lhe lembrava outras praças em outras noites. Três linhas de lembranças lhe cercavam, com seus olhos hipnotizantes. Aspirou fundo. Não sabia se estava no ar ou na memória um certo cheiro doce de gardênia... não, era de manacá... que embalava suas noites de infância em mantos de sonho. Difícil lembrar exatamente. As lembranças têm pinceladas rápidas, mais insinuantes que propriamente figurativas.

Figurativa, exata, pétreia, era aquela fonte ali, no meio da praça. Bacia e carrancas de pedra, pedra sabão, desgastadas e polidas pela mesma água de sempre, séculos murmurando sua única melodia de sono. Agora seca. Não tinha água naquela noite, nem nas noites anteriores de anos anteriores. Mas, estranhamente, começou a ouvir um cintilar de água, um burburinho úmido, primeiro à distância, depois mais próximo, veio vindo. Era o tropel de lembranças da casa velha, na roça, onde passava suas férias dos anos de antigamente. Lá também havia uma fonte de pedra sabão, que se assemelhava a essa, a mesma bacia, as mesmas carrancas, a mesma superfície de pedra polida entregue à erosão da água e do tempo.

Desviou o olhar. Cada lembrança em doses moderadas. O olhar de X divagou, divagou e parou por acaso em uma janela. Acaso certo. Aquela janela lhe lembrava certa janela, em outra parte da cidade, em que X por algum tempo sempre via uma certa paisagem. Outra paisagem. De quantas janelas você já viu o mundo?, X se perguntava. E se perguntando bebia, bebia.

Bebeu mais um gole do vinho. O que era? Aguçou mais o ouvido. Por detrás do jorrar sussurrante da água que X julgava ouvir, julgou ouvir um sussurro de vozes, vozes humanas,

envelhecidas. Bebeu mais um gole, na tentativa de afastar as possíveis distrações. Sim, era o barulho de vozes, que conversavam, cochichavam, murmuravam, gritavam ao longe. Gritos abafados, exclamações de felicidade, conversas soltas, desencontradas. Contudo, o silêncio gritava mais forte. Eram sussurros de trezentos anos que escapavam pelas brechas do silêncio, que escapuliam do arrastar dos ponteiros com pulinhos ágeis, que se desencontravam em uma ou outra esquina e vinham se perder ali, naquele fim de tempo.

Não questionou nem duvidou de nada. Quem vaga pela noite tem que estar preparado para ver o invisível, o inominável, o imperscrutável. Deu meia volta e continuou a andar.

### **Trajeta 3**

*Mas andar para onde? Nas extremidades da praça, duas ruas seguiam para direções opostas. X ficou olhando, antes de recomeçar a andar, decidindo sobre qual dos caminhos seguir...*

*Cada rua em que não se entra, cada esquina em que não se vira, conduz a um futuro que não irá acontecer. Andar é traçar linhas de futuro. É jogar cara ou coroa: o trajeto que se escolhe importa muito, mas importa igualmente o trajeto que não se escolhe. As ruas em que não se entra conduzem aos futuros abortados, são sementes de futuro que não germinaram.*

*Por fim, escolheu seguir pela rua da direita.*

\*

*“Na estrada da vida...”, X já ouvira tantas vezes. Como se a vida fosse uma estrada, uma linha reta entre dois pontos, uma só. Como se tivesse que escolher apenas uma estrada, apenas uma vida. X achava estranho que, dentre as milhares de formas de vida existentes e as milhões por inventar, a gente tenha que escolher apenas uma. Temos que escolher apenas um caminho e seguir por ele, eternamente, carregando o que ele tem de grandeza e de miséria. Em todo caso, não aqui: essa cidade não é feita de ruas, e sim de encruzilhadas.*

\*

*Se o futuro está escrito, o está no espaço e não no tempo. O futuro não está escrito, mas há muitos esboços dele. Há uma multidão de futuros por nascer, andar é como semeá-los.*

*Mudar de vida é toda hora. A coisa mais difícil do mundo é não mudar de vida. X pensava, olhando as ruazinhas secundárias, que mudar é simplesmente virar uma esquina. Nossas vidas, ele pensava, são um mapa, e nós as escrevemos com os pés.*

\*

*Tanta igreja, cidade eriçada de torres tentando tocar o céu. Tanto céu. Tentaram construir uma cidade etérea, celestial, mas construíram a mais terrena de todas. Pois essa cidade não está pousada sobre a terra, como se tivesse sido colocada por acaso aqui, podendo muito bem estar em outro lugar. Pelo contrário, essa cidade está enraizada nessa terra. Nutre-se da força telúrica por seu emaranhado de veias e artérias, quilômetros de minas e galerias subterrâneas. Essa cidade é o florescer da terra, o desabrochar da pedra.*

#### **Ponto 4 - Praça do Antônio Dias**

Parou diante de uma igreja, com uma praça na frente. Apesar de agora vazia, margeada de ruas desertas, essa praça lhe trazia recordações bem diferentes. Outrora existiram dias de festa, momentos de alegria, noites de animação. Os olhos subiram pela fachada, indo até às torres. Agora sombrias, as torres daquela igreja foram, antigamente, em outras, diferentes noites, a flâmula de alegria amarela a agitar-se ao vento. No vento, vindo com a brisa, julgou ouvir uma música tranquilamente dançante, alegremente despreziosa. Sons de flauta e pandeiro, um bandolim, alguns tambores, vindos de além do passado, tocando o eterno chorinho das noites findas. No momento, ali, só silêncio.

Novamente divagou com o olhar, contemplando as fachadas uma por uma. Semelhantes, mas diferentes. Pareciam ter um jeito único, pessoal de serem decrepitas. Quantas noites de folia aquelas fachadas já haviam visto? De repente, o olhar de X se fixou em uma porta específica que, apesar de se parecer com as demais portas daquela praça, se parecia ainda mais com uma outra. Uma outra porta, distante no tempo e no espaço, pela qual X entrara para viver alguns dos mais felizes dias de sua vida. Por quantas portas, portais, pórticos, arcos a vida de X já passara? E quanto em cada uma ele deixou de si, e quanto passou a ser?

Olhou a lua, faltando ainda um pouco para ficar completa. Ainda era cedo e a lua já estava alta. Jovenzinha, saía ainda cedo. Nas próximas noites, crescendo, sairia de sua casa no além do mundo cada vez mais tarde. X, que se guiava por ela, pensou que era melhor ir para casa. Cedo essa noite, para nas próximas sair cada vez mais tarde. Então, pé ante pé, deu

meia volta e tomou o caminho de casa, abandonando as ruas vazias como quem fecha um baú cheio de recordações, um álbum repleto de fotos.

## Noite 2

### Ponto 1 - Praça da Estação

Olhou a paisagem com olhos atentos, como se nunca mais fosse vê-la. De uma certa forma, nunca mais a veria com aquela exata condição atmosférica, naquele ponto de degradação da matéria, de devastação do tempo. Naquela idade, nunca antes vira a cidade e nunca mais a veria. Tentava fotografar com os olhos, para guardar depois as imagens na lembrança.

Por outro lado, tentava fixar seu estado de espírito atual na paisagem que via. Como se escrevesse seu diário no que estava vendo, naquela rua retilínea e compridíssima que tinha à sua frente, naquela colina lá longe, com aquela igreja olhando-o com seu rosto de barroco tardio. A cidade nunca mais o veria como ele estava naquele momento.

X sabia que se lembraria daquele momento sempre que visse aquela paisagem. Aquela paisagem, ali agora, inclusive, lhe lembrava vários momentos em que a tinha visto antes. Conseguia se lembrar de lembranças esparsas, um ano atrás, há dois meses, sua época de infância, quando menino passava por ali. Vários momentos embaralhados e distantes, unidos por uma única paisagem que a todos evocava. Olhar uma paisagem conhecida, X pensava, era passear no tempo, entre passados mais distantes e passados mais recentes. Uma paisagem conhecida, pensava ele, nunca estava nua, nunca se mostrava como realmente era: estava sempre encoberta por uma sucessão de finíssimos véus de passado. O presente lhe lembrava um passado antigo, que porventura lhe lembrava um passado mais recente, que por sua vez lhe lembrava um outro passado ainda, impossível de ser localizado na linha do tempo, que lhe lembrava ainda um outro...

Ficou ali, olhando por algum tempo. A igreja, lá longe, badalou o sino de uma hora perdida. Nesse momento, X acordou de suas divagações e lembrou-se de andar. Lembrar muito, sim, mas não muito de cada vez. Foi andando e bebendo, trazia consigo uma garrafa de vinho, pelas ruas vazias e perdidas.

## Trajetos 1

*Uns vivem como quem sonha; X vivia como se lembrasse. Para ele, a linearidade do presente não importava, e sim o ziguezague temporal da memória. Cada momento, para X, era uma página em branco, mas as páginas de sua vida não formavam um livro; eram folhas soltas tocadas pelo vento do outono. X vivia cada momento pensando também no futuro, de como aquele momento seria evocado no futuro. Sabia que o tempo dá um sabor especial à vida; por isso vivia o presente como quem faz vinhos e os põe para envelhecer.*

*X vivia - e andava - como quem esculpe lembranças.*

\*

*Uma cidade antiga, toda de pedra, feita para durar os séculos dos séculos. Parada no tempo. Uma cidade feita de casinhas entre bananeiras, embora as bananeiras não possam ser vistas à noite; uma cidade toda encostas, barrancos, vales, ruas incertas como montanhas russas, que se perdem num emaranhado que se embaralha ainda mais depois do sol posto. E ruas de paralelepípedos, de calçadas irregulares ou ausência de calçadas; de pontes sobre rios desconhecidos, de onde jorra a mesma água desde a fundação do mundo. Uma cidade em que torres e mais torres de igreja disputam espaço entre os telhados pontudos; em que os sinos badalam nas horas mais disparatadas; em que os poucos transeuntes perdidos, de carne e osso, se misturam com as muitas almas penadas, os incontáveis fantasmas, as numerosíssimas assombrações, feitos de uma matéria mais maleável, translúcida, incerta como o fogo, e sem nenhuma estrutura concreta a servir de esqueleto. Em suma, uma cidade em que o tempo verbal não importa, não quer dizer nada.*

\*

*Aproximava-se da velha colina onde, antigamente, diziam-lhe, ficava a forca. Ali era lugar assombrado, dava alma penada. Ali, diziam, aconteciam coisas que ciência nem padre explicavam.*

*Dentre as muitas histórias que X ouvira na infância, muitas haviam sobre fantasmas, assombrações, almas penadas, criaturas de cristal, translúcidas e impalpáveis, que vagavam pelo mundo nas noites de lua cheia. Havia, por exemplo, os seres incorpóreos, como a mãe do ouro, labareda fria e violácea, em constante combustão, que flutuava e palmilhava o mundo a poucos centímetros do chão. Havia os grupos, procissões de fantasmas, mortos*

*que se levantavam mal o sino batia a meia noite e passavam as horas perambulando sob a luz de velas. Havia também o... mas não vamos entrar nessas histórias.*

*X não acreditava, mas não desacreditava. Evitava pensar. Uma vez, é bem verdade, passando por ali perto, julgou ver umas luzes estranhas se acendendo lá no alto. Virou o rosto e apressou o passo. Era fantasma, assombração, a mãe do ouro? X não acreditava nem deixava de acreditar, mas não subia lá.*

## **Ponto 2 - Morro da Forca**

Naquela noite, porém, não sabia se pela intrepidez do vinho ou magnetismo da lua, X começou a subir a longa escadaria que conduzia ao lugar onde ficava a antiga forca. Por duas vezes se deteve, pensativo; por duas vezes, um impulso desconhecido o fez prosseguir. Subiu. Lá no alto, a cidade era estilhaços miúdos de vidro sobre a encosta, lantejoulas penduradas na sinuosidade do vale. Um vento parecia fazer cintilar as luzes em som quase audível. Não estava frio; era um vento fresco que abrigava, macio, delicado. E no céu, X viu com sobressalto, a lua se mostrava em grande esplendor, quase completamente cheia, redondíssima, não fosse uma pequena fatia que lhe faltava. Inundava o mundo em uma luz etérea, fantasmal. Os sonhos, pensou X, são sempre iluminados por essa luz, com ou sem lua.

Observando, observando a lua, observando. Segundos, minutos, horas, não se sabe. Frequentemente, perdia-se no tempo, se esquecia do relógio e não era capaz de dimensionar que parte de tempo passara em suas contemplações. Olhava, olhava. Mas quando foi de repente, X notou um movimento a seu lado, a poucos metros. Olhou bem. Era como se o ar líquido da noite, ali, bem naquele ponto, começasse a se solidificar. Foi se condensando, se aglutinando, até ganhar forma. A forma, no entanto, era vaporosa e inquieta, como uma chama, como uma labareda viva. Como se não se decidisse qual forma tomar. Julgou notar a silhueta de um homem, intrépido como guerreiros antigos, altivo como só os que não tem medo de nada o são. De repente, a silhueta ganhou preenchimento e X pôde ver, como sob água, as feições de um homem: o aguerrido rosto era sério, grave, quase carrancudo; os olhos, no entanto, luziam um brilho de sonhador incansável, de quem atravessa os séculos a sonhar o mesmo e nunca concretizado sonho. Um fantasma. X sempre se perguntou como seria um fantasma sob a luz da lua, embora não tivesse vontade de ver; agora que via, percebeu que apresentava uma aparência estranhamente real.

-Quem é você? - X perguntou. Não duvidava que fosse real, pois o vinho e a lua há muito quebraram a redoma de vidro do possível. Naquele momento, X sabia, nada era

impossível. Era o momento em que os mortos voltavam, em que até as pedras ganhavam vida; por isso, mantinha-se estranhamente, fantasmagoricamente calmo.

-Nem eu sei ao certo - respondeu o fantasma, em sua voz aflautada, lânguida e bruxuleante como seu corpo - Hoje não sei mais, me perdi em sonhos... Mas, quando era vivo, era muitas coisas. De profissão, meio alferes, meio cirurgião. Sim, arrancava os dentes de quem tinha dor. Mas de alma, de alma eu era um libertário, e ainda sou; amei a liberdade acima de tudo. Acho, inclusive, ouço dizer por aí, que atualmente sou conhecido como - pausa de suspense... - o Inconfidente.

X o conhecia, crescera ouvindo falar dele. O destemido homem que queria a liberdade para si e para sua terra, embora com inúmeras restrições. X o conhecia perfeitamente, isto é, dos livros; mas jamais imaginara encontrá-lo ali, reverberando ao seu lado. Isso, todavia, não o espantava. Naquela noite, nada poderia espantar mais que aquela lua, lá no céu.

-E você faz o que aqui? - X ousou perguntar.

-Meu passatempo é andar pela cidade à noite. É desse jeito que ocupo os dias de minha eternidade - uma faísca brilhou mais forte em seus olhos de faísca - Mas o lugar que eu mais gosto na cidade, onde eu fico mais, onde eu me sinto mais em casa, é aqui. Esse lugar me lembra a minha morte, o acontecimento mais marcante de minha vida. Não, não foi na força que ficava aqui que me mataram; mas nem por isso esse lugar deixa de lembrar minha sentença.

Um vento soprou entre eles. X ficou com medo de que o Inconfidente, frágil chama, se apagasse; esboçou o gesto com a mão para tentar protegê-lo da brisa, como se tenta proteger a chama de um isqueiro ao acender um cigarro. Mas não se apagou. Em vez disso, o fantasma perguntou:

-E você, o que faz aqui?

X pensou, pensou. Ficou em silêncio por um tempo, pensou, pensou.

-Eu sou que nem você - ele respondeu, depois de um tempo, a voz mais animada, saindo abrupta. - Também gosto de vagar à noite para ocupar os dias de minha vida. Acho, inclusive, que quando eu estiver no seu estado - X corou, ficou com vergonha de ferir o Inconfidente, mas continuou - assim, você sabe... feito fantasma... eu acho que vou recordar a minha vida, que certamente terá sido o acontecimento mais marcante de minha morte.

O fantasma permanecia impassível, a mesma cara intrépida, os mesmos olhos de quem sonha. Disse, com a mesma entonação de antes, mas com um pouco de mistério sob as camadas da voz:

-Belas palavras, meu jovem, belas palavras. Que assim seja. Agora, se me permite, vou continuar meu passeio.

-Espere. E se eu quiser te encontrar novamente? - as palavras agora saíam maquinais da boca de X. Querer encontrar novamente? De onde tirara aquilo? Acalmou-se, pensando que o dizia por cortesia, que estava apenas se despedindo normalmente de uma pessoa normal que se conhece por acaso. Aí arrematou, com menos ênfase: - Você vem sempre aqui?

-Venho. Mas fique tranquilo, vou sempre em todo lugar. Nos veremos por aí - a imagem atenuou, foi se apagando de fininho, aos poucos, até não sobrar nada. Quando não havia sobrado mais nada, foi que veio a derradeira voz: - Thcaa-au - melodiosa.

X, novamente sozinho, olhou para a lua. Dessa vez, precisou se esforçar para aceitar tudo sem questionamentos. Como não havia o que fazer, palavra nenhuma a ser dita, resolveu permanecer calado. Palavras são racionais demais para contestar certas inexplicáveis coisas. Fez então o que fazia de melhor: deu meia volta e continuou a andar.

## **Trajeto 2**

*Desceu as escadas da força sem pensar. Pensava com os pés, apenas. Os muitos degraus lhe pareceram poucos, pois tinha a sensação de que seus movimentos eram autônomos, como se suas pernas fossem puxadas por fios invisíveis de algum destino inaudito.*

\*

*Quando chegou lá embaixo, ousou pensar. As noites de X eram frequentemente irreais. Misturavam doses de sonho e realidade, de embriaguez e sobriedade, entrelaçadas, confusas como as ruas da cidade. Por isso, logo o susto e a sensação de estranheza foram se submergindo na calma, na naturalidade dos que estão acostumados com o indecifrável.*

\*

*Ali, a rua era levemente inclinada, subindo um morro suave como a dobra de um lençol. X subia lentamente, se distraíndo com a paisagem, com as árvores, as casas ao redor. De tempos em tempos, lançava um olhar demorado para o morro onde ficava a força, tentando decifrar algo, enxergar alguma pista. Mas logo sua atenção era novamente absorvida pelo caminho.*

\*

*Caminhar, caminhar, caminhar. Pela noite, pela noite, pela noite. Quando não tinha nada para olhar, olhava para o chão, para as pedras do calçamento. Nem sempre se tem uma paisagem bonita ao redor. Às vezes nos falta um pedaço de céu azul para contemplar, mas nunca nos falta um pedaço de chão para pisar. O chão é a única garantia.*

\*

*Terminando de subir o morro, as casas recuavam, a paisagem se abria e uma grande praça surgia. No alto do morro. Era como uma explosão. Aquela praça, logo mais, era, no enredo da cidade, um clímax.*

### **Ponto 3 - Praça Tiradentes**

Praça principal. Aproximadamente duas da manhã.

No meio do espaço aberto, um homem - cabelo encaracolado, ombros largos, braços fortes - dançava. Como uma escultura de pedra sabão, mas dançava. Dançava o silêncio da noite, as ondas imperceptíveis da lua, descendo em bategas de luz. Era a dança mais autêntica, mais imperiosa, mais precisa - que não obedecia à música nenhuma: obedecia ao corpo. Os braços esculpindo em músculos e nervos (X mais imaginava do que via, àquela distância) esculpindo filigranas no ar. As pernas e os pés tateando o chão de paralelepípedos, como se caminhasse motivado pelo sentido da vida: nenhuma direção. A cabeça se movendo de acordo com os gestos, mas frequentemente erguendo-se, de olhos abertos: como se a coreografia estivesse desenhada na lua, no céu, nas estrelas.

O chicote do vento deslizando na lisa superfície do silêncio.

Dançar apenas porque o espaço é grande, porque no oco do mundo é possível se mexer. Dançar apenas porque não dançar deixou de ser uma opção. Dançar para os astros assim como um lobo uiva para a lua: por instinto. Para inscrever no mundo a superioridade da vida sobre a fria imobilidade das estátuas. Dançar àquela hora porque a cópia mal feita de ditadura controlava o que um corpo poderia fazer em praça pública às duas da tarde, mas não às duas da manhã. A noite é o exílio dos que não se encaixam, dos que já nasceram dissidentes, perseguidos políticos desde o berço, era o que X pensava. Às duas da manhã, estranhamente, uma estátua de pedra sabão dançava. Seu pedestal era o mundo.

X parado, olhando. Escondido, num dos cantos, entre uma parede de trezentos anos e um lampião de duzentos e cinquenta, que jorrava uma luz oblíqua enfeitando seu campo de

visão com uma chuva de luzinhas, alucinações visuais, problemas de visão, que seria? Seria uma alucinação aquele homem dançando o silêncio? Porém não: as alucinações distorcem, nunca criam. As alucinações não têm criatividade, talento, o gênio dos escultores. X, parado, olhava.

### **Trajeta 3**

*Depois de um tempo olhando, X voltou a andar. Atravessou a praça em surdina, para não ser notado, e continuou o seu caminho. Seus pensamentos, no entanto, permaneceram no mesmo lugar. Quem seria aquela pessoa que não se parecia com ninguém, que era diferente de tudo? Não tanto pelas feições, que X mal pôde contemplar, mas por sua atitude. Seria, certamente, um poeta, um artista, para compreender tão perfeitamente como as noites vazias eram cheias de magia. Era, provavelmente, uma das poucas pessoas que compreenderam a fundo a verdade de que não há lua cheia no mundo mais bela que a daquela cidade. Aquela paisagem, aquela arquitetura, pensava X, fora desenhada para ser vista ao luar. E as praças, as ruas, os ambientes abertos, como X descobrira agora, foram feitos não para andar, mas para dançar.*

\*

*Um pouco mais à frente, X viu uma luminescência de outro mundo, tomando forma, escorada em um poste. Se aproximando, reconheceu as roupas, as feições e o corpo incorpóreo do Inconfidente. Nem bem se recuperava de uma visão impactante, havia visto outra; nem bem dela se recuperava, voltava a primeira. As noites eram assim, uma caixinha de surpresas. O caminhante noturno tem de estar preparado para não se surpreender com as surpresas, de tantas.*

*-Não te disse que nos veríamos ainda uma e outra e outras vezes?*

*-Não julguei que fosse tão rápido - X respondeu, displicentemente. Pensava em outra coisa. Parou e pensou então se deveria - Uma pergunta. Por um acaso você passou pela praça recentemente?*

*-Sim.*

*-E, por um outro acaso, você viu algo diferente?*

*-Se você se refere a um homem dançando, sim, eu vi. Aliás, tenho visto ele frequentemente, nos últimos dias. Cada dia num lugar diferente, mas sempre fazendo a mesma coisa.*

*-E não sabe quem é?*

*-Como saberia? - o Inconfidente respondeu prontamente, como se não quisesse se envolver - Lamento não ter obtido, com a morte, a onisciência. A onipresença quase, a onisciência não.*

*X andou por um tempo em silêncio, pensando, pensando. Ai perguntou:*

*-Ele está cada dia em um lugar diferente?*

*-Uhum - respondeu o fantasma - Por que pergunta? Quer vê-lo de novo?*

*-Sim.*

*-Não será difícil. Basta fazer como eu: andar sem rumo por aí. - Passados alguns instantes, arriscou, malicioso - Se me permite, por que tanto interesse?*

*-Ahn? - X voltava de pensamentos distantes... Coçou a cabeça, no esforço de se aterrar. Colocou a mão no queixo, pensador andante. Por fim: - Achei interessante... Achei imensamente interessante... Acho que ele, seja quem for, tem um pouco de mim e de você, quer dizer, características semelhantes... Isso me deixa intrigado.*

*X continuou a andar. O Inconfidente ia a seu lado, uma incerta chama se movimentando na calçada. Andaram por um tempinho na rua deserta, enquanto X pensava, pensava. Depois de um tempo, ele parou e, olhando para o Inconfidente, perguntou:*

*-Será esse dançarino também um fantasma?*

*O Inconfidente não respondeu, não sabia. E nem mesmo X havia perguntado para ser respondido. Afinal, o Inconfidente era mesmo um fantasma? E quem garantia que ele, X, fosse de carne e osso, vivo? Durante a noite, os mortos saem da sepultura e os vivos morrem. A noite, desde que o mundo é mundo, embaralha os mundos.*

\*

*Depois de andar mais um pouquinho, o Inconfidente se despediu. Ia continuar sua ronda infindável pela cidade, visitar os lugares onde vivera, quem sabe visitar seus amigos fantasmas. X ficou só. Continuou caminhando até chegar a um lugar elevado, onde as casas escasseavam e, em vez delas, dava para ver uma bela vista da cidade.*

**Ponto 4 - Mirante das Lajes**

X sentou na mureta e ficou olhando a paisagem. A noite estava quente. Uma leve brisa soprava, uma brisa fresca e fina, que acariciava a pele como um xale de cetim. No céu, a lua e as estrelas brilhavam incansavelmente. Àquela hora, davam a impressão de brilhar apenas para ele.

Tentou pensar em outra coisa, ou pensar em apenas uma coisa. Impossível ordenar seus pensamentos. Por mais que o fantasma não o tivesse deixado propriamente assustado, e que o dançarino não fosse nada, a rigor, fora do comum, essas imagens se sucediam em sua mente. Parece que apenas agora, que se afastara dessas duas aparições, é que ele conseguia compreender que elas lhe deixaram impressionado. Os grandes acontecimentos, pensava X (forçava-se a pensar), não podem ser compreendidos direito quando acontecem. Sua força, sua influência em nós só pode ser contemplada quando eles terminam. Isso, talvez, seja o motivo de nunca aproveitarmos perfeitamente os momentos felizes - só sabemos que eles foram felizes, ou em que medida o foram, quando eles terminam. O tempo depura os momentos, destila as sensações. As grandes coisas só podem ser conhecidas retrospectivamente, tudo isso pensava X.

Pensou e pensou até os pensamentos se esgotarem e serem substituídos por um grande cansaço. Uma vontade de dormir. Como se tudo estivesse em ebulição, voando desordenadamente, e fosse preciso o peso do sono, de um sono bem pesado, para fazer tudo sedimentar. Amanhã conseguiria pensar com mais clareza em fantasmas e dançarinos misteriosos. De forma que, lançando um último olhar à paisagem, se despediu da noite e foi embora dormir.

### **Noite 3**

#### **Ponto 1 - Perto da Mina Chico Rei**

Já era noite feita quando X saiu de casa.

Na noite anterior, havia sonhado com as aparições, o fantasma e o dançarino. No sonho, era como se os dois personagens se unissem em um só, de tal forma que ele não conseguia dissociar quais características pertenciam a um, quais a outro. Dentro da atmosfera mais maleável, própria dos sonhos, X ficou até mesmo sem saber qual nível de realidade possuíam as aparições. Existia mesmo um fantasma? Teria havido de fato um misterioso dançarino?

Agora, ali, na rua, X estava disposto a conferir, a botar em pratos limpos se o que vira fora real ou se era tudo do domínio dos sonhos. Para tanto, não ia beber naquela noite; queria conservar a lucidez para, quando aparecessem os personagens, conferir que eram reais, ou, se não aparecessem, constatar que eram apenas inverossímeis, porém vívidas, emanações do vinho.

Lembrou-se do que supostamente lhe tinha dito o suposto Inconfidente: o homem dançava cada dia em um lugar diferente; para vê-lo mais uma vez, bastaria andar pela cidade como quem não quer nada. Mas andaria atento, observando cada transeunte: se tinha cara de poeta e de artista, se tinha porte de dançarino, se tinha olhos de quem contempla a lua.

### **Trajetos 1**

*Não era ainda tarde, mas já a cidade estava vazia. Decididamente, os moradores eram pessoas que dormiam cedo. Uma típica característica das cidades do interior; as cidades que quase sempre dormem...*

*Janelas fechadas. Luzes ainda acesas, mas janelas fechadas. Aquela típica sensação de conforto que as casas cerradas despertam: o aconchego do lar, da proteção das paredes, da ausência de contato com o desconhecido mundo lá fora. Em uma das casas, no entanto, havia uma janela aberta. Lá dentro não havia luz acesa, mas uma cortina branca esvoaçava ao vento. Aquela janela, especificamente, despertava a sensação oposta: uma liberdade incondicional, a entrega ao mundo, o desejo pelo ar livre. A cortina dançava, dançava ao vento; só não dançava ao luar porque a lua ainda não havia nascido.*

\*

*Os olhos não descansavam da procura de aparições estranhas, mas nem por isso X deixava de prestar atenção em outros detalhes. Gostava de andar prestando atenção em tudo, deixando o olhar parar nos lugares mais inconvencionais. Achava que a cidade, o caráter da paisagem, sua essência, jazia não em seus monumentos, que os turistas geralmente procuram, mas nos aspectos mais prosaicos de suas ruas. Uma janela aberta com uma cortina balançando. Uma pichação em um muro. Uma calçada quebrada. Os jardins acidentais compostos por plantinhas que nasciam no telhado. Um poste banal. Um par de tênis pendurado em um fio elétrico. Eram esses elementos que, dispostos de uma forma específica, arranjados de maneira única, transformam uma cidade naquela cidade, que*

*fazem de um lugar qualquer um lugar único, que não era nenhum outro. X achava que havia uma grandeza nas coisas pequenas, uma grandeza que não precisava se mostrar grande.*

\*

*A alma das cidades, sua essência, reside sempre nas coisas não vistas. Achar que conhecer uma cidade é contemplar seus monumentos é como achar que conhecer uma pessoa é vê-la em seus arroubos de paixão, em seus momentos de loucura, que muitas vezes só acontecem uma vez na vida. É tentar conhecer através das exceções.*

\*

*Mas e o fantasma? E o dançarino? X não deixava de procurá-los. Prestava atenção, sim, no prosaico da cidade, nas suas manifestações banais, mas nem por isso deixava de procurar, como que pelo canto do olho, suas aparições de outro mundo. X mantinha firme seus dois olhos e, com eles, suas duas maneiras de olhar.*

\*

*As ruas desertas lhe pareciam completamente familiares. Durante o dia, com o movimento de pessoas e de carros, os ruídos urbanos, o caos humano e maquinico, ele sentia que havia algo de errado. Que algo estava fora do lugar. Aquela cidade era mais ela à noite, na monotonia, ruas vazias, calçadas desertas, casas sonolentas. Aquela cidade havia nascido com vocação para cidade fantasma.*

\*

*Mas e o fantasma? Ainda não vira nem sinal dele. Resolvera ir de vez para o mundo dos mortos? Ou estaria, novamente, no morro onde ficava a força? Ou simplesmente não existia? E o homem da dança, cadê ele? Agora, X estava se aproximando da praça principal, onde o havia visto na noite anterior. Estaria ele lá, ou, como o Inconfidente havia dito (haveria mesmo um Inconfidente?) estaria em outro lugar? Estaria ele em algum lugar? Existiria?*

*Foi indo em direção à praça.*

**Ponto 2 - Praça Tiradentes**

Praça principal. Poucas pessoas passando, nenhuma com cara de fantasma ou de dançarino. Eram pessoas normais, rápidas, desejosas de chegar logo em casa e fechar suas janelas. X olhou, olhou em torno, esperou um pouco. Nada.

Algo fazia ele sentir que não eram reais. A praça ainda com algumas pessoas passando, retardatárias, fazia ele ainda sentir um resíduo diurno. Era como se aquele outro mundo, onde ele estava ontem e na noite anterior, não fosse o mesmo que aquele em que ele estava agora. Era como se fossem duas cidades: uma real, de pedra, concreta, a outra feita de sonhos, onde o limite entre real e falso era tênue. Pensou (e algo dentro dele disse que esse pensamento estava certo) que o que vira na noite anterior não existia, de fato. Agora, que olhava a cidade ainda movimentada, enquanto ele estava sóbrio, era completamente inconcebível a existência de aparições estranhas.

Em todo caso, resolveu continuar a andar. Não sabia se continuava procurando, mas deixar de andar não poderia.

## **Trajetos 2**

*Andou, parou, andou, parou, andou, andou.*

*Fora da praça principal, a cidade ficou deserta outra vez. Ou foi o tempo que passou? Vazia. Sem aparições. A solidão parecia ainda maior que nas outras noites. Não era, entretanto, uma solidão boa, aconchegante, que abraçava a todos. Era uma solidão total, como se nem a solidão existisse.*

\*

*O vento, bocejo da noite, sacudia um galho incerto de árvore e acariciava a pele de X como dedos longilíneos de cristal. Elegante e perfumada, a dama da noite estendia seus buquês brancos por cima de um muro caiado. E o céu, pontilhado de estrelas iguaizinhas ao perlage do mais fino champagne, aguardava a lua, em sua solene espera de silêncio e pausa. O mundo também aguardava. Enfileirados como numa procissão, os lampiões jogavam sua luz mortiça sobre paredes de pedra e cal, sobre calçadas de pedra sabão, sobre a grande e perdida noite colonial. E os passos furtivos de X, que ecoavam pelos becos sinuosos como espirais de alambique, compunham a escassa trilha sonora de uma cálida noite de verão. X andava, passo a passo, como se pisasse e repisasse o mosto das expectativas sobre o lagar das calçadas, a pensar se de fato o impossível poderia acontecer em uma cidade tão deserta.*

\*

*Andou, andou, parou.*

*Depois de um tempo andando, andando e parando, percebeu que não veria nada. Desistiu. Realmente eram coisas de sonho, nunca existiram. Como ele pôde acreditar que havia visto um fantasma? Como ele pôde pensar que realmente alguém andava pelas ruas sem rumo, dançando na noite vazia? Todos andam apressados, cansados, ocupados, sérios. Só querem chegar em casa, pegar o caminho mais próximo. X era o único que sempre, onde quer que quisesse ou precisasse ir, procurava o caminho mais longo. Mas ele, X, era outra história. Como ele pôde acreditar que havia alguém ali parecido com ele? Seu erro foi ter pensado, por um momento, que sua solidão poderia ter sido menor.*

\*

*Ficou triste e, para amenizar a tristeza e a solidão, que lhe pesavam, resolveu beber alguma coisa. A fuga mais fácil e mais rápida. Em poucas doses poderia se sentir mais leve, leve como os sonhos. Poderia deixar a realidade mais translúcida, caminhar em corda bamba entre o real e o imaginário. Procurou um bar; no primeiro que encontrou, entrou.*

### **Ponto 3 - Rua Paraná**

O copo de cachaça lhe pareceu mais amargo do que a vida. Pediu outro. Olhou em torno, o bar vazio, o ambiente sujo, feito para pessoas que já não são mais capazes de ver com olhos sóbrios. O único presente era o dono, com cara de quem já estava querendo ir embora. Todos os donos de bar são mal encarados, sem exceção, pensava X. Provavelmente já fazia planos de fechar e ir para casa. Mas X não estava com pressa. Queria beber bastante antes de sair dali.

O dono lhe entregou o segundo copo. X bebeu fazendo careta. Não estava muito acostumado com bebidas fortes. Geralmente, gostava das mais delicadas, daquelas que conduzem à embriaguez com lentidão, respeitando os limites de trânsito. Naquela noite, porém, sentia falta de algo mais forte, uma viagem abrupta ao mundo do além.

A terceira foi difícil de tomar. Mas tomou; esperou um pouco, até sentir o fogo se aquietar no estômago. Depois de alguns minutos, começou a se sentir aéreo, como se uma resistência que ele tinha, mas que não sabia até então que tinha, começasse a ceder. Foi ficando leve, espumoso, macio. Seus ossos ficaram menos duros, e um agradável calor tomou conta de seu corpo.

Quando já se operara a metamorfose, saiu do bar. Lá fora, sentiu a metamorfose na paisagem. Primeiro, arredondaram-se os ângulos. As pedras do chão pareciam macias. Os pontos cardeais se embaralharam. A ladeira parecia menos ladeira. Os lampiões tinham uma luz difusa, estranha, repleta de fagulhas. O som de uma cigarra parecia não vir de lugar algum, e sim ser um elemento subjacente da paisagem.

Se sentia mais feliz. O vazio opressor lhe parecia agora menos opressor e mais cheio. Era a solidão que ele conhecia: a solidão que abraçava, que andava junto com ele de mãos dadas. Pegou na mão que ela lhe estendia e foi, descendo a ladeira.

### **Trajetos 3**

*Na ladeira de pedras e lampiões, tropeçou três vezes, mas não caiu nenhuma. Dividia a atenção entre o chão e o céu, lá em cima. E a grande noite de verão jorrava pelas ruas vazias, escorria pelas paredes esquecidas, pingava dos telhados adormecidos.*

\*

*A bebida fez efeito.*

*Já bêbado, X começou a sentir que a barreira entre o real e o irreal cedia. Julgou ouvir ruídos, conversas perdidas, incompreensíveis, ecoando baixinho na cidade vazia. Como sempre, quando estava naquele estado, não tentou decifrar seu significado, não tentou definir o nível de realidade, não tentou questionar se os sons estavam no espaço ou dentro de sua cabeça. Apenas continuou andando, sem muitas expectativas. Andava maquinalmente, como se um enredo impossível e já escrito o enredasse, como se seus pés estivessem presos na malha de uma história já contada inúmeras vezes.*

\*

*No meio da ladeira, viu uma luz misteriosa ganhando forma. Era uma forma translúcida, apenas um pouco mais densa que o ar, uma névoa que, em vez de se dissipar, ia se aglomerando em torno de si própria. Coçou os olhos, pois julgou ver coisas que não existiam. Se existia ou não, o fato é que lá estava, em sua forma de fumaça, o Inconfidente.*

*-Boa noite. Mais uma vez nos encontramos por acaso - disse o fantasma, com sua voz de vento soprado na flauta da noite - O que você está fazendo por aqui, hoje?*

*-Te procurei por horas - respondeu X. - Queria te ver sóbrio, para confirmar que você existe de fato. Acabei bebendo, achando que não ia te encontrar; e agora que estou bêbado você volta a aparecer. Não é hoje que vou poder confirmar sua existência.*

*-Eu existo apenas para uns poucos. Para a maioria não sou real. - Ele olhou para X, com olhos de malícia - E aí, já encontrou aquele homem?*

*-Infelizmente não. Já começo a duvidar da existência dele.*

*-Você o verá. - assegurou o Inconfidente - E me diga, quando encontrar com ele, o que vai fazer? Vai se aproximar e conversar?*

*-Acho que não farei nada. Sou muito tímido para tanto. Me contento em olhar.*

*-Tem vergonha? - lhe perguntou. - Veja, se não sabe se ele é real, não precisa ter vergonha. - Acabaram de descer a ladeira; o Inconfidente parou um pouco e olhou para X - Não há necessidade de se ter vergonha nos sonhos. Agora, preciso ir - e sumiu, deixando X novamente sozinho.*

\*

*“Não há necessidade de se ter vergonha nos sonhos”? Seria, então, um sonho? Mas se fosse um sonho, o próprio Inconfidente estaria dentro da parte sonhada; logo o que ele disse não poderia ser real, pois era parte do sonho. Apesar das palavras enigmáticas, X evitou pensar nisso. Continuou andando, cambaleando. Estava próximo da igreja imponente, uma de suas favoritas da cidade. Já podia divisar seu formato, grandioso sob a lua, suas grandes paredes vistas de trás. Caminhou para ver a sua fachada.*

#### **Ponto 4 - Praça do Pilar**

X se deparou com ele.

Como da outra vez, dançava a mesma dança do silêncio, no palco da praça vazia, iluminado pelo holofote da lua. Contra a fachada a um só tempo carrancuda e enfeitada da igreja, sua dança era como um teatro de sombras. Parecia uma daquelas imagens pias, esculpidas em madeira envernizada, que tivesse tomado vida após a missa, depois de extinto o último eco do órgão. De trás de uma esquina de um beco, mal iluminado por dúbios lampiões, X contemplava os gestos do dançarino, aquela sintaxe de movimentos, poesia concreta, pinceladas no ar.

Um vento passou trazendo palavras mortijas, pouco audíveis. Os sussurros ganharam forma, ainda que uma incerta, inacabada. Eram compreensíveis, pelo menos.

-Eu morri para conquistar a liberdade - palavras sopradas no vento, nas quais X reconheceu, mais espectral e sonambúlica do que nunca, a voz de flâmula do Inconfidente, seu confidente de amor - Em se tratando de amor, morra, se preciso for, para perder a sua liberdade - e, sem mais dizer, a voz sumiu no vento, pulverizada pela luz da lua.

O Inconfidente. X queria lhe falar que, às vezes, o desejo não é conseguido nem com a morte. Gostaria de aproveitar a oportunidade para dizer ao Inconfidente que sua morte, por exemplo, tinha sido em vão. Deveria dizer-lhe que a liberdade não chegara nesses duzentos anos? Dizer que o ouro da terra continuava indo para o outro lado do oceano? Que o imposto não era mais da quinta parte, mas de tudo o que havia, e que a derrama agora era de lama das barragens? Dizer que se ele, X, e o dançarino quisessem andar de mãos dadas (assim seja, amém!) não poderia ser durante o dia, sob o risco de serem transformados logo em fantasmas? Que toda a forma de opressão que existia naquela época continuava existindo agora, sob outras roupagens, mas tendo como alvo a mesma raça? Dizer, enfim, que essa cidade é um museu a céu aberto porque nela tem lugar, diariamente, as mesmas atrocidades de há trezentos anos? Deveria dizer tudo isso a ele? Não, melhor deixá-lo em sua ilusão, para que descansasse em paz.

X, no entanto, não deixou de pensar nas intenções que dão errado, nas histórias que não acontecem. Toda tentativa poderia fracassar. Mas estava disposto a tentar. O não, X pensou como todos, você já tem. Agora tem que ir atrás do sim - ou da humilhação.

X tirou de um bolso uma folha de papel e, com uma caneta que tirou de outro, escreveu palavras enigmaticamente pulsantes. Dobrou o papel no meio, depois dobrou duas extremidades em ponta, depois fez mais uma e outras dobras, até ficar pronto o aviãozinho, lembrança de seus tempos de antigamente, de seus dias de infância. Aproximou-se o mais que pôde do dançarino sem que fosse visto, escondido atrás de uma esquina de um beco. Jogou o aviãozinho com a mensagem sucinta como um telegrama. Havia trazido mais papéis no bolso para o caso de errar a mira. Não errou. O aviãozinho de papel traçou um voo certo, reto, uma flecha ao alvo, e acertou em cheio a testa do dançarino, que parou abrupto o movimento do braço no ar, olhou o papel e pensou por um momento. Para o desespero de X, ele já ia dar de ombros e recomeçar a dança, mas pensou melhor e, movido por uma curiosidade talvez incompreensível, como se uma força desconhecida puxasse os fios do seu destino, abaixou-se como uma marionete, pegou o papel e segurou-o entre as mãos. Hesitou por um momento. Depois, desfez as dobras e leu as palavras de X:

*“Vi você dançando sob a lua, ao som do silêncio, e fiquei interessado... Reconheci em você um pouco de mim... Gostaria de saber o seu nome, e quem você é. Existe uma certa pedra solta encostada na parede, a alguns metros à esquerda da porta da igreja redonda. Escreva sua resposta em um papel e a coloque lá, sob a pedra, amanhã, assim que a lua aparecer sobre o horizonte.*

*P.S.: é verdade esse bilhete.”*

O dançarino levantou os olhos do papel, à procura de quem poderia tê-lo jogado. Perscrutou principalmente as janelas, fechadas, com suas luzes apagadas, cortinas cerradas. Depois, começou a andar para um lado e outro, dando uma olhada nos ângulos da praça. Por fim, pôs-se a andar na direção de X, escondido atrás de uma esquina. X começou a correr, perdendo-se no labirinto imperscrutável de vielas vazias, deixando ao dançarino o ruído de passos apressados e uma furtiva silhueta como remetentes.

## **Noite 4**

### **Ponto 1 - Igreja do Rosário**

Noite, como sempre. A lua surgiu no horizonte.

X estava nervoso por causa do bilhete, se sim, se não. Por isso, saiu de casa após beber meia garrafa de vinho, e veio com o que sobrara na mão. Talvez ele tivesse desistido de descobrir a realidade dos elementos que compunham suas noites; talvez, quem sabe, ele tivesse medo de constatar sua irreabilidade. O fato é que, quando saíra de casa, já estava sentindo o corpo leve, a mente enevoada, como se seus pensamentos vagassem entre névoas profundas.

Poucos minutos depois, X se dirigiu, de forma furtiva, como se fosse um foragido, até a igreja redonda, onde pedira para Y deixar o bilhete. Sem contemplações e sem descrições, correu até a dita pedra solta. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que a pedra parecia estar um pouco mais à esquerda do que antes. Fez um breve momento de suspense, até que enfim levantou a pedra e olhou. Lá estava o papel. Delicadamente dobrado ao meio,

um pouco amassado pelo contato com a pedra. Abriu e leu rapidamente, os olhos saltando de palavra em palavra:

*“Juro que eu pensei que essas coisas só aconteciam nos livros!*

*Eu me chamo Y, e você?*

*Você me viu dançando... E eu que imaginei que ninguém me via! Em todo caso, gostaria de saber o que você viu em mim e com o que se identificou.*

*Hoje, logo mais, estarei em um certo restaurante perto de uma certa ponte onde existe um museu de moedas. Estarei na mesa 3. Se puder, deixe seu bilhete com o garçom que fica na porta, e peça a ele para entregá-lo em minha mesa.*

*Aguardo sua resposta!”*

Y. Belo nome. Em tudo combinava com a pessoa, pensou X. De tal forma que se parecia com um hieróglifo: a escrita do nome, sua sonoridade, parecia ser o contorno da pessoa. Y!

Mas nem ficou muito tempo sonhando. Y provavelmente deixara o bilhete ali alguns minutos atrás. Provavelmente, já estaria no restaurante e já havia sido servido. Dessa forma, melhor ir de uma vez para o restaurante, caso quisesse entregar o bilhete a Y - ou melhor, ao garçom. E, rindo à toa, feliz da vida, o coração mais apressado que os passos, seguiu seu caminho.

### **Trajeto 1**

*X andava pela rua sinuosa, sem fim. Os passos ecoavam no oco do silêncio. Ainda era cedo e já a cidade dormia. As pessoas já estavam recolhidas, vivendo suas vidas ou seus sonhos por trás das janelas fechadas, por trás das portas trancadas. De repente, ouviu uma voz.*

*-Por que está sorrindo? - era o Inconfidente. Seu corpo se materializara pela metade; dir-se-ia uma leve fumaça tocada pelo vento. Se locomovia sem pés, flutuava.*

*-Deu certo, deu certo! - X respondeu com ênfase, mas sem se deter. - Ele respondeu o meu bilhete da forma como pedi. E eu que pensei que isso seria quase impossível! O nome dele, agora eu sei, é Y.*

*-Tá vendo? Eu disse para você se aventurar. O destino costuma ser bom com os que se aventuram! - Um longo silêncio (sem diminuir a velocidade), quebrado pela pergunta: - E agora, para onde vai com tanta pressa?*

*-Ora, estou indo responder o bilhete - X mostrou o papel, triunfante. - Y espera minha resposta um pouco mais à frente.*

*-Boa sorte - disse o Inconfidente. Evaporou-se de vez, mas sua voz ficou um instante mais: - Mais tarde nos encontramos em alguma esquina. Até mais!*

\*

*Enquanto andava, X começou a pensar em toda aquela alegria que sentia. Havia motivo? No fim das contas, Y não dissera nada demais. Não havia feito uma declaração de amor. Nada, em seu bilhete, demonstrava o mesmo interesse que X sentia. Poderia ser apenas um homem curioso, que gostava de situações inusitadas. X começou a se questionar, então, se não estava sendo precipitado, criando expectativas inúteis.*

*No entanto, percebeu que parte daquela felicidade toda não era apenas por seu interesse por aquele homem misterioso, que dançava de noite pelas ruas. Claro, uma parte da felicidade era sim por isso; mas uma outra dose era por outro motivo. Era pelo caráter inusitado da situação. Gostava de viver coisas estranhas, daquelas que não acontecem na vida real. Viver de forma não convencional, mais do que tudo, fazia X se sentir vivo. Por isso andava rápido. E por isso, sorria.*

\*

*Um pouco mais à frente, já se aproximando do restaurante onde Y jantava, X se deteve sobre uma amurada. Tirou um pedaço de papel do bolso e escreveu um bilhete, rapidamente, sem pensar direito nas melhores palavras. Depois, dobrou o papel e, para ter certeza de que seria entregue no lugar certo, escreveu na parte externa do papel, em letras enormes: “Mesa 3”. Guardou a caneta no bolso e, com o papel ainda na mão, continuou o seu caminho.*

## **Ponto 2 - Restaurante O Passo**

Finalmente, X chegou ao restaurante. Na porta, como o bilhete havia dito, estava um garçom. X, do outro lado da rua, abriu o papel e o releu. Dizia:

*“Achei o seu nome lindo! Eu me chamo X.*

*Dançar sob a lua, sem música, me fez notar que você tem a sensibilidade de ver e ouvir coisas que não existem. Foi com isso que me identifiquei. Gostaria também de perguntar se... como dizer... se você gosta de homens. Sei que é uma pergunta indiscreta, se não quiser responder eu respeito.*

*Mas, caso queira responder, deixe sua resposta do lado de fora de um certo bar na rua principal da cidade, quando a lua estiver no meio do céu. A essa hora, o bar estará fechado. Enfie o bilhete pela metade debaixo da porta.”*

Depois de ler, X sentiu uma sensação estranha. Achou ridículo tudo aquilo. A começar pelo elogio ao nome, mas principalmente por aquela pergunta indiscreta. Pensou que Y jamais responderia aquilo a um estranho. Mas resolveu entregar mesmo assim, sem mudar nada, ridículo como estava. Afinal de contas, numa situação como aquela não tinha como não ser ridículo.

Atravessou a rua e se aproximou do funcionário na porta do restaurante. Estendeu o braço, com o bilhete, e disse-lhe polidamente, com a solenidade que o espaço exigia:

-Recebi o pedido para entregar esse bilhete para um cavalheiro sentado na mesa 3. Peço encarecidamente que o senhor o faça chegar até ele - colocou o papel na mão esticada do funcionário. - Obrigado e boa noite - e, com uma leve mesura, começou a se distanciar da porta, primeiro lentamente, com elegância, e depois correndo desabrido, como a criança que ele havia sido um dia e que julgava ter voltado a ser naquela hora.

## **Trajetos 2**

*Enquanto esperava a lua subir no céu, X vagou um pouco pela cidade. Corria, corria em círculos, voltava, parava repentinamente, voltava a correr. Dançava nos postes. Aproveitava o espaço vazio para expressar o que lhe passava na mente. Dava vazão aos sentimentos confusos e borbulhantes com os membros. Estava feliz com a situação inusitada em que se metera. Mas evitava pensar muito, criar expectativas que poderiam ser cruelmente frustradas por um bilhete seco, ou um bilhete em branco, ou nenhum bilhete. Na porta do bar, com a lua no meio do céu.*

\*

*A lua traçava seu caminho com uma lentidão sôfrega. Nunca as horas demoraram tanto a passar. Nesse momento, X amaldiçoou a linearidade da vida, que acontece sempre seguindo a carruagem das horas. A vida possui um agora, antecedido por um antes e prosseguido por um depois. É preciso esperar na vida real. Nas lembranças, por outro lado, não há linearidade: é possível pular de lembrança em lembrança, saltar dias, meses, anos e, no caso de memórias mais prodigiosas, até mesmo décadas. As lembranças, X pensava e analisava, são a anarquia do tempo. O tempo descarrilado. O tempo desvairado, enlouquecido, que se enrola em si mesmo.*

*Enquanto o tempo da vida real, presente, não passava, X começou, como sempre, a brincar com os hiperlinks do passado.*

\*

*Aquele lampião lhe lembrava um outro lampião, em uma parte perdida da cidade, que iluminou um rosto importante do passado. Aquela escadaria lhe lembrava uma certa escadaria, em outra casa, através da qual sua vida ascendeu a um céu muito particular, mas muito celestial. Aquele muro tinha pedras tão únicas, que lhe lembrava uma certa parede, perdida no tempo e no espaço (demolido?) na qual, junto com outras três, X viveu momentos memoráveis. Lembrou-se da cortina esvoaçante que vira na noite anterior a partir de uma cortina esvoaçante em rara janela aberta que estava vendo naquele momento. Lembrou-se de uma casa imaginada em um livro a partir de telhados que via ali agora. Um carro estacionado ao lado de uma casa velha, torta pelo peso dos anos, lhe deixou clara a bifurcação do tempo. Uma coisa lhe lembrava outra coisa, que lhe lembrava outra coisa, que lhe lembrava o que via ali agora. Nesse jogo de espelhos, uns modernos, em moldura metálica, outros já partidos, estilhaçados, embaçados, cercados por moldura de madeira corroída, se distraiu durante as poucas horas (ou muitos minutos?) que separava a lua, numa inclinação a princípio de, sei lá, 70°, do seu trono no topo do céu. Olhou para o alto, o mais que pôde, e lá viu ela, a lua em seu zênite, a eterna noctívaga que, como ele, gastava suas noites insones percorrendo os caminhos, não da cidade, mas sim do céu.*

*Esperou mais alguns minutos, dando tempo. Tinha de sobra. Depois, foi para o local indicado, onde estaria lhe esperando, se deus quisesse, o bilhete resposta.*

**Ponto 3 - Bar Satélite**

Pé ante pé, desconfiado, olhando de banda, comendo pelas beiradas para não ser visto, X foi se aproximando aos pouquinhos do bar, a essa hora nesse dia já fechado. Foi, foi indo. Foi se aproximando, com jeito, olhando se Y não estaria por ali. Não queria ser visto. Queria sondá-lo antes, descobrir quem e como era. Apareceria para ele em alguma noite? Se aproximaria de Y qual fantasma, como o Inconfidente surgira ao seu lado sem aviso? Não sabia. Estava satisfeito demais nesse jogo para terminá-lo com o risco de (que deus não queira) não se satisfazer de outra forma.

De frente para o bar, X deu uma olhada ao redor, tentando avisar ao coração disparado que, calma, não estava tão interessado assim. Se o bilhete não estivesse ali, que o coração entendesse, não sofreria. Não sofreria muito. Não sofreria demais, pelo menos. Dito isso com seus botões, olhou para a baixo, a frincha debaixo da porta. Lá estava.

Pegou o guardanapo dobrado ao meio, leve, tênue como a realidade noturna. Como não havia voado com aquela brisa suave que soprava ininterruptamente? Abriu-o com calma e leu as seguintes palavras, grafadas com uma letra rápida mas bonita, pequena, espontânea, sem maiúsculas e sem pontos, apenas com os de interrogação:

*“fico lisonjeado que tenha gostado de meu nome  
você também dança pelas ruas?  
e, respondendo a sua pergunta, sim, eu sou gay, gosto de homens,  
como você diz  
como sabe?  
coloque sua resposta sua resposta em uma fresta do quinto degrau, de  
baixo para cima, da escadaria de uma certa igreja que fiz atrás e de  
costas para a igreja principal  
daqui a aproximadamente uma hora, se possível”*

Terminou de ler essas mal traçadas linhas com o coração em mal contadas batidas. Taquicardia. Mas um alívio gigantesco. Nem bem passara o desespero, a urgência e sobretudo o medo, logo surgira o enorme alívio, a sensação inigualável e indescritível de que algo poderia acontecer. Algo de muito bom, mas ainda não nomeado. Retirou uma folha de papel e uma caneta do bolso (agora estava andando com uma boa provisão) e escreveu ali mesmo sua resposta. Depois, guardou a caneta no bolso e, papel dobrado na mão, foi em direção ao próximo ponto, ao próximo passo de sua via crúcis.

### Trajeto 3

*Dessa vez o trajeto foi rápido. Foi quase correndo, tropeçando nas pedras do caminho, parando ofegante de tempos em tempos para respirar melhor. Dentro da noite veloz, da supersônica noite, os pensamentos nem eram pensamentos, eram apenas brotos interrompidos, pequenas reverberações que nem chegavam a nascer, logo atropeladas por outras. Não pensava, apenas se guiava com os pés.*

\*

*Sentia uma urgência enorme, labareda no coração. Queria tudo agora, naquele momento, sem deixar para depois. Queria correr para colher o dia, ou melhor, colher a noite, carpe noctis, rápido, antes que ela amadureça demais e apodreça.*

\*

*Súbito apareceu o fantasma, em alguma esquina da vida.*

*-Por que está desesperado? kkkkkkk - perguntou-lhe o Inconfidente, com um risinho inconfundível. - Tem a vida toda pela frente.*

*X não se deteu e nem se deteria durante o resto do percurso que lhe faltava, o bilhete escrito na mão, os olhos fitos no horizonte. Continuava a passos rápidos.*

*-Você fala isso porque está morto - respondeu, sem nem ao menos olhar para o Inconfidente, para não distrair sua atenção com algo que não fosse seu objetivo fixo. - Tem a eternidade da morte ao seu dispor.*

*O Inconfidente aceitou o argumento, ou fingiu aceitar. Não havia contradição em suas palavras. Coragem, sim; pressa, não, pensava o fantasma. Pensamento de quem está acostumado a ver o vento corroer a pedra ao longo dos séculos, o surgimento das estalactites, o mofo colonizar os cantos das paredes. Mas aceitou o pensamento, contrário, de X. Não sentia, não podia sentir aquela urgência, mas desapareceu no ar tão abrupto quanto surgiu.*

### Ponto 4 - Igreja Mercês de Baixo

X chegou na tal igreja. Silenciosa como se estivesse morta, com sua fachada de mistério e pompa. A grande escadaria subia, os degraus cegos, indiferentes à noite e aos possíveis passantes. Subiu os degraus, um, dois, até cinco. Havia várias frestas naquele

degrau. Escolheu a maior, colocou o bilhete e, para que ele não saísse voando com o vento da noite alta, pegou uma pequena pedra para pressioná-lo. O bilhete dizia:

*“Fico feliz em saber que você gosta de homens. Julguei notar isso desde o princípio. Havia alguma coisa em seus gestos que me indicaram. Sou muito observador, percebo logo as coisas. Não, eu não danço. Tenho vergonha. Mas gostei de ver você. Gostaria de... quem sabe... me conhecer? E eu te conheceria melhor. Ainda não pude ver seu rosto. Deixe sua resposta em uma fonte, que fica perto da casa onde morou uma certa mulher que inspirou um certo poeta. Logo mais, quando a lua começar a sumir por trás das montanhas.”*

Desceu alguns degraus, olhou, olhou para ver se estava bastante visível, se havia o risco de Y não vê-lo. Na escuridão da noite, o pequeno bilhete balançava ao vento, preso pela base na fresta. De repente, rompendo o silêncio como quem rompe uma casca, o carrilhão da igreja iniciou seus monótonos toques, em sua centenária voz de bronze polido. Já havia passado a uma hora estipulada? Impossível. O trajeto não tinha sido tão longo. No entanto, a lua já estava um pouco baixa no céu, murchando sua solenidade após o ápice de sua trajetória. X decidiu correr, para não ser visto. Não ainda.

#### **Trajeto 4**

*A noite estava acabando. Em breve X teria que voltar para casa e a troca de bilhetes acabaria. Olhou a lua, enquanto caminhava. Já estava mais pra lá do que pra cá, iniciando sua jornada para longe. Seus passos castanholavam pelas pedras do calçamento. Um vento já frio soprava. Estava um pouco frio. Havia no ar, pairando, movendo-se com o vento, um cheiro doce de certas flores que desabrocham ao anoitecer.*

\*

*Desceu uma escadaria, atravessou ruas, virou esquinas furtivas, onde o vento soprava mais forte. Em cada etapa, X bebia alguns goles de vinho, como para criar forças para a caminhada incansável. A embriaguez já passava; bebia mais para segurá-la, fazê-la retornar. Em breve poderia ficar sóbrio outra vez. Mas, por enquanto, não estava preparado*

*para voltar ao mundo real, à vida verdadeira. Queria ainda, por mais um tempo, ficar encurralado no labirinto do meio sonho.*

\*

*Passou um tempo. O sono começou a chegar, primeiro lentamente, com um ou outro bocejo, depois mais forte, como se um enorme peso desabasse sobre o corpo de X. Já havia passado tempo suficiente para que o bilhete já estivesse à sua espera. Foi, portanto, em direção ao local estabelecido, com passos agora lentos.*

### **Ponto 5 - Chafariz Marília de Dirceu**

Outro chafariz sem água, esse agora imponente, majestoso. Seco, mas majestoso. Novamente, X julgou ouvir um suave som de água que escorre, por trás do som do vento, passando pela flauta das frestas, zumbindo como um fantasma no fim de noite da cidade. Recusou todas as lembranças que os sons lhe traziam, estava com sono. Queria logo pegar o bilhete e ir dormir. A urgência havia esmorecido, agora a única coisa que sentia era um desejo grande, uma vontade irrefreável, porém mole, de ir se arrastando para a sua casa e dormir longamente.

Procurou o bilhete na bacia, ao redor dela, nas beiras da fonte. Não encontrava. Será que Y não havia deixado a resposta? Será que não havia encontrado o bilhete que ele, X, deixara no quinto degrau da escadaria da igreja? Parou e pensou por um tempo. A ausência de movimento, no entanto, eriçava as lembranças, como a presença de movimento bagunça a areia sedimentada no fundo de um espelho d'água. Olhou a bacia da fonte, seca. Olhou para as carrancas, para os canos das carrancas, de onde deveria jorrar a água. Encostou a mão em um deles, e já começava a imaginar seus tempos de criança, quando ficava horas olhando a água cair, em sua eterna forma líquida, ausência de forma, fantasmagórica como o vulto do Inconfidente. Mas, antes da mente ir buscar as lembranças, X sentiu a presença de algo dentro do cano. Enfiou a mão e puxou: era o bilhete.

*“Gostaria de te conhecer sim. Conheço poucas pessoas na cidade.  
Podemos marcar um encontro. Quer dançar comigo? rs  
Está tarde, quando você ler este bilhete provavelmente já estarei  
dormindo. Deixe sua resposta amanhã, assim que a lua nascer, sobre*

*uma mureta que fica na frente de uma certa igreja, perto de um certo museu de pedras.*

*Boa noite!”*

X nem ficou feliz direito, por causa do sono. Amanhã comemoraria. Amanhã deixaria a resposta no lugar e hora estabelecidos comemorando. Mas hoje não, só queria dormir. Tomou o resto do vinho que estava na garrafa, um último gole grande, que desceu com dificuldade. A noite estava linda. O vento estava agora mais tranquilo, como se a fúria da noite alta já tivesse passado. A lua, nem precisa dizer. O escuro ainda era total, mas julgou sentir uma imperceptível mudança de clima, de atmosfera, um primeiro laivo de realidade talvez, que anunciava que a noite ia se findando gota a gota. Em breve, a palidez da alvorada mancharia o céu, e logo o mundo seria tomado pelos carros, pelas pessoas, pelas máquinas. A vida real. Da qual X fugia. Foi embora, levando o bilhete de Y na mão, um suave sorriso em seus lábios.

## **Noite 5**

### **Ponto 1 - Igreja Mercês de Cima**

A lua surgiu no horizonte, redonda, enorme, avermelhada. Era uma noite seca, amadeirada, com notas cítricas e muito tânica. X, parado, esperava. Trazia uma garrafa de vinho na mão, como quase sempre, e tinha os olhos fitos do outro lado da rua. Já estava um pouco bêbado, a garrafa ia pela metade; mantinha, tentava manter, porém, a máxima acuidade visual. Queria que nada lhe escapasse. Cada detalhe, cada movimento. Esperou por alguns minutos mais.

De repente, na frente da igreja vazia, surgiu um vulto. Alto, mãos nos bolsos. Procurava alguma coisa na mureta, alguma coisa que não estava lá. X atravessou a rua em silêncio; se aproximou e, em silêncio, tocou o ombro do vulto. Y se virou, assustado. Pego em flagrante. Calmamente, X lhe entregou. O bilhete. Y olhou-o, também em silêncio. Abriu o papel e leu.

Dois vultos silenciosos na frente da igreja vazia. Atrás, como pano de fundo, como cenografia do palco, as luzes da cidade. Ficaram, X e Y, parados por alguns instantes, sem o

que dizer um para o outro. Finalmente, Y interrompeu o silêncio, um silêncio de séculos, antes só quebrado pelos bilhetes furtivos pela cidade.

-Então é você?

X não disse nada, não fez um gesto. Sua presença já era uma resposta.

-E então? Vamos dançar? - insistiu Y.

-Tenho vergonha.

-Não tem ninguém vendo - disse Y olhando em volta - Só o narrador.

X olhou-o, pensou por longos instantes. Havia uma barreira, uma barreira imensa que, estranhamente, começou a ceder. Afinal, havia quebrado tantas barreiras para chegar ali, que quebrar mais uma lhe parecia ser uma coisa das mais simples. Passeou o olhar pela paisagem, pelos arredores, procurando o Inconfidente, esperando dele palavras de encorajamento. Não o viu nem o ouviu, mas julgou ver duas faíscas brilhando em um canto escuro, distante. “Quanta intensidade você é capaz de suportar”, afinal? pensou-se X.

Então, na noite vazia povoada de fantasmas e desejos, X dançou. Y também. Dançavam, para a lua, a música do silêncio. Desenhavam, com uma coreografia de bêbados, como que um labirinto, de pó, sobre o labirinto da cidade, de pedra.

### ***Trajetos 1***

*Janelas fechadas, algumas luzes acesas escorrendo pelas frestas. Dentro, nos espaços domésticos, que dramas, que histórias familiares se desenrolavam? Ali fora, no espaço público, eles dois viviam a história secreta. Só os olhos sonolentos das janelas e as bocas bocejantes das portas os viam - X e Y, percorrendo furtivos as ruas tortas.*

\*

*Passos tilintando nas calçadas desertas, de pedras recém colocadas. Um cheiro de noite quente arredondava as esquinas de ângulos pontiagudos. Em uma delas, lá longe, um acendedor de lampiões retardatário cumpria atrasado o seu ofício, enquanto em outra esquina corria, com passos ágeis e silentes de assaltante, um encapuçado a mando de el-rei. Em uma ruazinha retorcida, uma carruagem espavorida com as insígnias reais quase se chocava nas paredes dos casarões. Em uma sacada suntuosa, uma moça, em vestido branco e esvoaçante, segurava uma lamparina de querosene, enquanto fechava com estrépito a porta à luz bruxuleante.*

\*

*X e Y não falaram muito, não eram muito dados às palavras. Preferiam uma espécie de comunicação não verbal, uma reverberação de ideias através dos olhos, dos gestos.*

*-Vou te levar a um lugar bonito - tinha lhe dito X, antes de partirem rapidamente pela cidade. Y aceitou, conhecia pouco a cidade, ele dissera. Agora, cruzavam as ruas e praças, passavam por pontes e passos, embalados pela luz mortiça e incerta das chamas dos lampiões.*

## **Ponto 2 - Mirante da Ufop**

Chegaram ao mirante, no alto de um morro, a meio caminho entre a cidade e o céu. Sempre que X ia ali, durante o dia, se assustava não com a imensidão do céu, infinito, nem com a imensidão da terra, com as montanhas se perdendo no horizonte, entre camadas de névoa. Se espantava era com a imensidão do vazio entre o céu e a terra, os amplos espaços para voar. Gostava mais não era das nuvens ou do sol, nem da terra e da cidade - gostava mais era dos pássaros em pleno voo, que cruzavam o vazio com o bater de asas. Quando ia à noite, se espantava era com o mar de estrelas, onde às vezes uma lua, pálida e redonda, singrava silenciosamente a superfície plasmada. E as luzes da cidade, que pareciam refletir as estrelas: um mar refletindo outro mar. Mas o que mais o assustava à noite era a imensidão do escuro, onde o que flutuava não eram os pássaros, e sim a mãe-do-ouro, as almas penadas, os fantasmas dos causos de sua infância.

-Eu te trouxe aqui porque... - começou a dizer X, baixinho, para não assustar o silêncio com golpes de martelo.

-Sssshhh - fez Y, ainda mais baixo. - Não precisa de explicações, a paisagem me basta.

As estrelas do céu, como uma cidade cósmica com suas janelas, seus postes, suas escadarias e seus becos, se esparramavam até o sem fim do mundo. As luzes da cidade, lá embaixo, como estrelas terrestres, desenhavam a topografia dos morros de bananeiras, como lençóis sobre móveis antigos, como satélites ao redor de planetas. Ali, no mirante, X e Y olhavam a paisagem, os olhos cintilando, quatro estrelas, postes elétricos, quatro janelas abertas de par em par. Estavam suspensos no nada, entre duas imensidões, entre dois céus estrelados.

Um vento mais forte soprou, fazendo X se aninhar mais em seu casaco e olhar em volta. Foi nesse momento, só, que percebeu: ao redor dele, ao redor dele e de Y, no nada da

escuridão circundante, uma infinidade de vaga-lumes voava, piscando. Flutuavam ao redor como estrelas, como luzes de uma cidade nômade e flutuante. Não estavam mais suspensos no nada, a meio caminho entre as estrelas e a cidade. Apontou os vaga-lumes para Y. Não precisavam mais olhar para baixo, nem forçar o pescoço para olhar para cima. Poderiam simplesmente olhar para os lados. Estavam em um terceiro céu, entre o céu lá de cima e o céu lá de baixo.

X abraçou os braços, como se sentisse frio, embora não estivesse propriamente frio. Morrendo de vergonha, o rosto vermelho, tentou, num movimento imperceptível, se aproximar de Y sem que ele se desse conta. Ele se deu conta. Y olhou para ele com um olhar profundo, que ia até o fundo da alma. Parecia ler pensamentos. Passou a mão pelas costas de X e, assim que esse o olhou, beijou-o. Na boca. Entre as estrelas no alto, as luzes urbanas embaixo e os vaga-lumes ao lado, eles se beijavam como se flutuassem no espaço sideral. Todos os pontos cardeais, as referências espaço-temporais todas, naquele momento, não existiam. Existiam X e Y, apenas.

Nesse momento, em alguma rua ali perto, passou um carro tocando funk na maior altura. Afastaram-se, Y meio sem jeito, X totalmente sem.

Mal o carro se distanciou e o silêncio voltou, no entanto, começaram a se beijar novamente. Algum tempo passou, medido pela distância que a lua percorrera no céu. Quando ela alcançou o topo, levantaram-se e foram para uma longa jornada noite adentro.

## **Trajetos 2**

*Desceram um escadão, viraram uma esquina, depois outra, depois mais outra. Em tudo X prestava atenção, mas prestava mais atenção mesmo era em Y. Ele andava com disposição, sem reclamar de distâncias. A cidade estava totalmente vazia, já era tarde. Apenas alguns cachorros de rua passeavam. Durante o trajeto, apareceram duas corujas, misteriosas, pousadas sobre muros, vendo o nada acontecer. X e Y, de mãos dadas, como dois fantasmas, atravessam a cidade na hora mais erma.*

\*

*Em determinado ponto, X viu, em um canto, o Inconfidente, que o olhava satisfeito. Seus olhos de fantasma brilhavam de malícia, e sua boca, sempre séria, parecia esboçar um pequeno sorriso. X se contentou em olhar, apenas; não se aproximou do vulto pois tinha pressa. Ademais, tinha certeza de ver o Inconfidente outras vezes, em ocasiões mais propícias*

*para uma conversa. X se contentou em dar um leve sorriso para o fantasma e, com a mão livre, fez-lhe um sutil aceno.*

\*

*Depois de descer uma ladeira íngreme, ainda mais íngreme pela hora e pelo álcool, andaram por uma parte plana. Em seguida, chegou a hora de subir, subir mais, cada vez mais. X morava na parte alta da cidade, de onde tinha uma vista maravilhosa de suas reentrâncias, de suas sinuosidades, de seu painel de luzinhas piscando lá embaixo. X adorava a vista de sua casa. Apesar de rolezeiro, gostava, em seu devido tempo, de ficar em casa. Sua principal distração, lá, era ficar parado na varanda, vendo a cidade. Nesses momentos, descansava as pernas e caminhava com os olhos.*

*A lua já havia percorrido metade de sua parábola e já principiava a descer, quando chegaram.*

### **Ponto 3 - Casa de X, Morro São Sebastião**

- Parece uma escultura - disse X, no outeiro da noite, na parte mais fria da noite, ao ver os cabelos encaracolados, o corpo torneado, músculos envolvendo os ossos fortes, braços avantajados. Murmurou, não como o vento lá fora, de alta noite, que gritava; murmurou, como uma brisa de fim de tarde, de início de noite, um afago - Parece uma escultura de pedra sabão.

- Que disse? - Não, não era uma escultura. Esculturas não falam, não mexem, não fazem o que acabaram de fazer. A escultura que não era escultura, claro, que era Y, perguntou: - O que você disse? - como se acordasse de um sono, não de quinhentos anos, apenas de alguns segundos. Como se. Mas ele não dormira. X sabia que ele estava acordado o tempo todo, observando o luar que inundava o quarto - O que você disse? - foi o que ele perguntou, de forma indolente, arrastada.

- Você parece uma escultura. De pedra sabão. - X encostou com curiosidade no ombro de Y, como para se certificar se era pele ou pedra. Em tudo se parecia com as estátuas, o talhe dramático, barroco, o excesso de contornos, de vincos profundos.

X se levantou da cama e foi até a varanda, que, apesar do insistente vento com gosto de noite, permanecia aberta. Duas cortinas vojavam, uma de cada lado da porta. Na varandinha, na sacada, aberta para a longa e densa noite colonial, a lua estalava. Chocante. Hipnótica como certos olhos... olhos de estátua, encravados no fundo de órbitas pesadas,

solenes. Olhos que assustavam pois eram ferrenhos, imutáveis, e o que tinham de belo tinham de funesto, pois já demonstravam a inoxidável tranquilidade da morte. A lua não demonstrava nada, encobria. Misteriosa voejava. Carpe diem. Nem ontem nem amanhã, hoje.

- Hoje está friiiiiiooo - era Y, que foi até a varanda, atrás de X. X disse que não estava tão frio, aquilo que ele chamava de frio era apenas o gosto da noite. Mesmo nas noites mais quentes - X dizia isso - há aquela coisa que faz sentir calafrio. Era um frio que vinha de dentro, não da pele, será? X tentava elaborar a teoria naquele momento mesmo, nunca havia pensado na profundidade do frio e suas zonas de ação.

- Eu não estou acostumado com o frio - Y disse, escapando de teorias. As teorias são para o dia. À luz da lua é a hora de viver os mistérios; se quiser, que os racionalize depois.

\*

-De onde você vem? - X perguntou a Y.

-Venho de um lugar que não tem nome.

Nada nessa história tem nome. X aceitou o fato de Y ter preferido não responder. Chegou mesmo a se arrepender de ter perguntado. Não que Y pudesse não ter gostado da pergunta, não era isso; é que informações demais podem deixar a história menos bela, pensou X. Para que saber de tudo? Para que afastar as cortinas translúcidas do mistério? Não é melhor viver às cegas, às apalpadelas, viver pelo tato? Ir descobrindo aos poucos, Tateando, descobrindo as articulações do mundo? Sim, tudo é mais belo quando não se sabe.

X olhou para Y, olhou para a paisagem, olhou para dentro de si e suspirou.

-Isso é o paraíso – tentou pensar, mas falou em voz audível. Deslizou os dedos sobre a grade de metal da sacada, como se fosse uma pele, como se acariciasse a pele da casa.

-Não – Y respondeu – Está provado que o paraíso é uma tela impressionista com sonatas para piano como trilha sonora.

X calou, mas não consentiu. O paraíso é necessariamente subjetivo, caso contrário não é um paraíso. Era um paraíso sim, e queria que durasse bastante. X perdera a noção do tempo naquela noite. Desde que encontrou Y, passou o tempo de uma dinastia. Naquela noite cabia uma revolução, uma república, o crescimento de uma árvore, uma viagem para outros planetas. Cabia uma era geológica, a formação das grandes cadeias de montanhas. Sim, queria que durasse bastante, mais. Mas não eternamente. Eternamente não, nada. Pode ser um paraíso, mas se for eterno torna-se um inferno, pensou X. Ficaram ambos na janela, por um

tempo, duas silhuetas quietas, paradas, fantasmagóricas, numa sacada sobre a cidade adormecida.

\*

Y guardava o seu segredo, não o de onde vinha, o outro: o quando voltaria para de onde vinha. Ou antes, recobria-se com esse segredo, era o segredo que o escondia. Quando amanhecido o dia, acabada a noite, outra coisa acabaria. Uma coisa que mal tinha começado chegaria ao fim. O delírio do tempo. O tempo bêbado. Qualquer dia, as coisas começariam a terminar antes de começar.

Tentara, por duas vezes, dizer a X, que não quisera ouvi-lo. Y chegara mesmo a se aborrecer de tentar contar, desfazer-se de seu mistério: desfaria, com isso, parte do encanto da noite. O dar a conhecer seria como um amanhecer precipitado dentro da noite. Não, deixe a noite sendo noite. Deixe a noite o mais sombria possível, o mais misteriosa, o mais oculta. Enquanto fosse noite, que fosse a mais noturna noite. Que se perdesse nos labirintos da lua, de paredes de cristal; que contemplasse o mundo do pináculo da noite, de pedra sabão.

\*

Ficaram contemplando a lua, depois voltaram para a cama, depois tornaram a contemplar a lua. Passaram-se segundos, minutos, horas incontadas. X abriu mais uma garrafa de vinho, tomaram. Abriu outra. Beberam. Naquela noite vertiginosa, tudo se perdia, se mesclava. Os acontecimentos dissipavam seus contornos, uma coisa se transformava em outra, em degradê. X bebeu até não conseguir mais ficar de pé sem cambalear, até não poder mais pensar com clareza sobre o momento. O pensar com clareza - X tentava, com custo, pensar - que fique para o dia seguinte. Viver é trabalho o suficiente; o pensar, o escrever, o analisar é para os momentos de tédio.

\*

Acordou sem lembrar de que tinha ido para a cama, de que tinha, em algum momento, decidido dormir. Simplesmente acordou. Pedacos inteiros da noite anterior não existiam mais, desmoronaram, precipitaram-se no abismo do esquecimento. No entanto, alguns momentos

bastante vívidos perduravam, como lapsos de luz na escuridão de uma memória enfraquecida. Uma ressaca fortíssima bambeava seu corpo. A boca seca, o estômago em desconforto.

Y. X passou a mão pela cama, procurando o corpo de Y. Tateou, tateou, mas só encontrou os lençóis, lisos, esticados sobre a superfície macia da cama. Abriu os olhos, assustados. A luminosidade do dia quase o cegou, mas conseguiu ver que a cama estava vazia. Y não estava lá.

Teria sido um sonho? Um delírio da embriaguez? Uma pena, pensou X. Tinha sido ótimo enquanto durara. Aí pensou que, se a alegria despertada havia sido real, não havia problema em tudo ter sido falso. Era uma farsa indesculpável guardar em seu museu de lembranças a memória do que não havia acontecido? Levantou-se, com custo; foi ao banheiro. Na cozinha, fez um café bem forte, amargo, para recuperar a vivacidade. Em todo esse tempo, pensou, mas não chegou a pensar. Não elaborou teorias nem raciocínios complexos. Ainda estava impossibilitado, ainda meio dormindo.

Voltou para a cama e dormiu mais. Em seus sonhos, sombras de um suposto fantasma e de um suposto homem, com quem passara a noite, se embaralhavam mais uma vez. No sonho, eles assumiam uma realidade impalpável. Havia tantos detalhes que imaginação nenhuma conseguiria criar, nem dormindo, nem acordada. Acordou durante a tarde, com uma aflição. A lembrança da noite passada se impunha, como que real; mas a cama vazia se impunha ainda mais, como a prova incontestável de sua irrealdade. Foi até a sua escrivaninha pegar um remédio para dor de cabeça. Em cima da mesa, ao lado do computador, havia um papel que não se lembrava de ter deixado ali. Abriu. Era um bilhete.